

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP**

**Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente**

**RAFAEL SELASSIE S. G. LITO**

**PIXAÇÃO NA METRÓPOLE**

**Da desterritorialização aos multiterritórios**

**Presidente Prudente**

**2024**

**RAFAEL SELASSIE S. G. LITO**

**PIXAÇÃO NA METRÓPOLE**

Da desterritorialização aos multiterritórios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, para obtenção do título de Bacharel em geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Antunes Caminati

Presidente Prudente

2024

L779p

Lito, Rafael Selassie S. G.

Pixação na metrópole : Da desterritorialização aos multiterritórios /  
Rafael Selassie S. G. Lito. -- Presidente Prudente, 2024

82 p. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e  
Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: Francisco Antunes Caminati

1. Periferia. 2. Pixação. 3. Território. 4. Cultura de rua. I. Título.

**RAFAEL SELASSIE S. G. LITO**

**PIXAÇÃO NA METRÓPOLE:**

Da desterritorialização aos multiterritórios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração:

Data da defesa: 10/12/2024

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Francisco Antunes Caminati  
UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente

---

Profa. Dra. Ana Carolina Dos Santos Marques  
FCT-UNESP

*Karina Malachias D. dos Santos*

---

Profa. Ma. Karina Malachias D.dos Santos  
FCT-UNESP

Dedico este trabalho primeiramente ao meu falecido pai, que me ensinou muitas coisas, principalmente em ter humildade e respeito. A minha mãe, um exemplo de ser humano, mulher preta professora que me põe sempre nos trilhos, sempre acredita no meu potencial e que sem ela dificilmente eu teria finalizado o curso. Aos meus irmãos, que me ensinam muitos em nossas conversas e que me colocam na realidade muitas vezes. A minha família como um todo, minha base para seguir na luta. A minha companheira, meu porto seguro contra a babilônia e que me possibilita sentir a paz. Aos meus amigos, sejam os que chegaram na universidade e os que não, por me inspirarem a não desistir, a ser nós mesmos, e fazer a universidade ter que aceitar nosso jeito de ser. A todos os pixadores, falecidos ou não, por serem minhas inspirações, por provarem que nossa existência é importante e que não existe barreiras para aquilo que nós somos. Por fim, aqueles que um dia não acreditaram no meu potencial, que riram de mim, me ignoraram e subjugararam, este trabalho não é uma prova do que eu posso fazer, mas a de que todos os subalternos poderiam fazer se fossem vistos.

“Quando o napalm devasta as colheitas que amadurecem, quando os aviões despejam produtos tóxicos nos ribeiros, as concepções que se tem do selvagem e da selvageria começam a modificar-se profundamente”

(Burchett, 1967, p. 177).

## RESUMO

A pesquisa é uma forma de analisar a pixação da região metropolitana de São Paulo a partir do pensamento geográfico. Nesse sentido, através do conceito de território procuramos refletir as dinâmicas do movimento pela desterritorialização, reterritorialização, e multiterritórios, debatendo acerca das redes e circuitos que essas populações das periferias fazem no espaço urbano com seus pixos. Tivemos como metodologia entrevistas com três integrantes do movimento, ADZ do MESTRES, BRN do LOCURAS e REI do EXORCITY, além da nossa própria aproximação pessoal com o movimento que nos permitiu acesso a mais dados. O trabalho teve como resultado a pixação e seus pontos de encontro como territorializações simbólico-culturais das periferias paulistas no centro abandonado, pela construção de suas territorialidades no espaço. Concluindo, compreendemos as multiterritorialidades da pixação na sua relação com o ciberespaço, elencando os aspectos positivos e negativos de sua inserção no meio técnico-científico-informacional.

**Palavras-chave:** periferia; pixação; território; cultura de rua

## ABSTRACT

The research is a way to analyze *pixação* (graffiti tagging) in the metropolitan region of São Paulo from a geographical perspective. In this sense, using the concept of territory, we seek to reflect on the dynamics of the movement on deterritorialization, reterritorialization, and multi-territories, discussing the networks and circuits that these peripheral populations create in urban spaces through their *pixos* (tags). Our methodology included interviews with three members of the movement: ADZ from MESTRES, BRN from LOCURAS, and REI from EXORCITY, in addition to our personal engagement with the movement, which granted us access to more data. The study found that *pixação* and its meeting points serve as symbolic-cultural reterritorializations of São Paulo's peripheries in the abandoned downtown area, through the construction of their territorialities in urban spaces. In conclusion, we understand the multi-territorialities of *pixação* in its relationship with cyberspace, highlighting the positive and negative aspects of its integration into the technical-scientific-informational environment.

**Keywords:** periphery; *pixação*; territory; street culture

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Grapixo em conjunto a um graffiti, dos autores Fumaça e Izzy, e abaixo escrito “Tremembék”.	21
Figura 2- Pixos em rapel próximos ao Terminal Bandeira, centro de São Paulo.	24
Figura 3- Pixos com a escrita “nunca desfaça de ninguém!”, em referência às normas de conduta dos pixadores.	28
Figura 4 - Acervo de folhinhas de pixadores no <i>Instagram</i> .	32
Figura 5- Escultura do pixador DI no Parque Ibirapuera, estabelecendo uma territorialidade no espaço.	33
Figura 6 -Modelo das Placas da Memória	34
Figura 7- Principais grifes da pixação.	37
Figura 8 - Atropelo de um OS REGISTRADOS em cima de um OS MAIS IMUNDOS em Presidente Prudente.	39
Figura 9- Agenda de pixos, com a frase “viva a cultura de rua”	41
Figura 10- Agenda em lateral de prédio, com destaque para o pixo no topo do estabelecimento com a referência ao município de Franco da Rocha.	44
Figura 11- Agenda de pixos feitos de rapel, no prédio do antigo Cine Marrocos, no centro de São Paulo, prédio ocupado pelo movimento por moradias MSTs.	47
Figura 12- Folhinha dos pixadores, adquirida em “point”.	49
Figura 13- Convite de festa de aniversário de 22 anos da grife “dead kennedy”	51
Figura 14- Folha dos integrantes da grife, o convite não continha apoiadores pois era fechada para quem era DEAD KENNEDY	52
Figura 15- Grupos de pixação no <i>Whatsapp</i> .	56
Figura 16- Interação de pixadores em grupo de <i>Whatsapp</i> , na mesma dinâmica de um “point”.	57
Figura 17- Convite de festa de pixação postado por um pixador no grupo de <i>Facebook</i> “Point do centro”.	58
Figura 18- Postagem de pixador em grupo de <i>Facebook</i> “point do centro”	59

divulgando a festa de uma grife chamada “Os vira latas de raça”

Figura 19 - Página de <i>Instagram</i> “Anarcoletters”.	60
Figura 20 - Página de <i>Instagram</i> “Pixo Raíz”.	60
Figura 21: Material áudio visual dos pixadores alemães chamado “Berlin Kidz”	62
Figura 22 - Postagem em perfil de pixador criticando a visibilidade que a internet pode trazer aos pixadores.	63
Figura 23 - Estampa da coleção Nike True Colors da Seleção Brasileira de 2013 com referência na pixação.	65
Figura 24- Estampas de pixação em roupa da marca Cavalera, em desfile de moda na Fashion Forward de 2013.	65
Figura 25- Postagem de pixador de Pernambuco no grupo de <i>Facebook</i> “Pixadores de todo o Brasil”, homenageando todos os pixadores de cada estado do país.	67
Figura 26- Postagem de pixador em grupo de <i>Facebook</i> “Pixação Grapixo & Graffiti” de seu pixo em uma agenda em prédio	68
Figura 27- Postagem de pixador de Pernambuco com “preza” para pixadores de outros estados, no grupo de <i>Facebook</i> “Pixadores de todo Brasil”.	69
Figura 28 - Postagem em Grupo de Facebook do pixador ERICK REAIS sobre denúncia de morador na mesma rede social, evidenciando um conflito por território também na periferia.	70
Figura 29 - Comentários de morador revoltado com pixações no <i>Instagram</i> do pixador BRN LOCURAS.	71
Figura 30 - Exposição do pixador BRN em <i>collab</i> com o designer Pedro Franco.	72

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 MATERIAL E MÉTODO</b>	<b>12</b>
<b>3 PERIFERIA</b>	<b>15</b>
<b>4 ALGUNS SENTIDOS DA PIXAÇÃO</b>	<b>19</b>
<b>5 TERRITORIALIDADES</b>	<b>26</b>
5.1 HUMILDADE, LEALDADE E PROCEDER	27
5.2 MEMÓRIA	30
5.3 RISCO	35
5.4 REDES DE TERRITÓRIOS: GRIFES	36
<b>5.5 CULTURA DE RUA</b>	<b>40</b>
<b>6 OS TERRITÓRIOS E A RETERRITORIALIZAÇÃO</b>	<b>42</b>
6.1 PIXO E A "QUEBRADA"	42
6.2 PIXO E O CENTRO	45
6.3 "POINT" E FESTAS	48
6.4 RETERRITORIALIZAÇÃO	52
<b>7 PIXAÇÃO NA INTERNET E AS MULTITERRITORIALIDADES</b>	<b>55</b>
<b>8 CONCLUSÃO</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Foi com onze anos de idade que comecei a ler um pouco o mundo, pelo menos aquilo que estava escrito nas paredes, claro que os letreiros complexos e codificados da pixação demorei mais para entender, mas aquilo que estava escrito de forma mais simples eu já ia decifrando. As primeiras pixações que eu lembro de ter visto e questionado sobre foram as do “CARLOS ADÃO”, pela escrita ser fácil compreender, e o símbolo da grife de pixação “OS INQUEBRAVEIS”, que me chamava a atenção por ser uma forma quase em três dimensões, com o I entrando no O. Lembro que na minha turma do sexto ano tinha um colega que falava muito de pixação, mesmo sendo criança, e que posteriormente descobri que ele era filho de um dos maiores pixadores da cidade, que pixava ILARIOS.

Aos 16 anos tive um contato mais intenso com a pixação, na escola Ermano Marchetti, escola pública do bairro de Pirituba, na capital paulista. Lá foi um berço de muitos pixadores da região por atrair estudantes de diversos bairros, e onde eu entendi a principal lógica do movimento, pois já que as salas não eram fixas e cada aula a gente tinha que mudar, um grupo chamado DROPA entendeu que se eles pixassem atrás de todas as carteiras das salas que eles tivessem aula, toda a escola iria ver seus pixos. O colégio tinha muitos alunos, e para aqueles “do fundão”, se destacar e se eternizar nesse espaço era difícil, só mesmo pelas inscrições.

A escola foi um reflexo da realidade, pelo menos no quesito das pixações, pois se na escola para se destacar era preciso a transgressão, na sociedade como um todo não seria diferente. Dentre meus colegas que rabiscam seus nomes nas carteiras, fui o único que quis dar continuidade, me arriscando nas madrugadas com latas de spray. No início minha marca eu que havia criado, inspirado no pixo EXORCITY, da junção com duas palavras, e se chama PIRITÓXICOS, em referência a Pirituba.

O início para o pixador é marcado pela necessidade de se destacar e de se conectar ao movimento, logo minha vontade era de pertencer a alguma grife, ou de fazer parte de algum pixo de respeito no movimento, pois era algo que me faria ser mais considerado. Parti para o pixo PSICOS, do bairro de Pompéia, e posteriormente, comecei a fazer SELVAGENS, pixação originária do bairro que moro, Pirituba, que um dos integrantes foi um falecido Rapper do grupo RZO chamado NEGRÚTIL.

O que mais me possibilitou estar integrado ao movimento foi entrar na grife DEAD KENNEDY, uma união histórica dos principais pixos da região, criada também em Pirituba. Ter a possibilidade de fazer seu símbolo das paredes, representando o bairro de onde vim para outras “quebradas” era algo que me trazia satisfação, que fazia eu ter orgulho de onde vinha, quebrava com os estigmas que a região carregava.

Aos dezenove anos entrei no curso de geografia da Unesp, e minha principal vontade era trazer a pixação para esses espaços, não de uma forma domesticada e pela visão de alguém de fora, mas a partir do próprio sujeito conceituando seu movimento, e ao longo do curso fui entendendo ser essa uma área da ciência com muita potência para estudar sobre o fenômeno. Nesse sentido, assim como assino minhas transgressões com meu apelido consolidado nas ruas, “Lito”, assinarei também meus demais trabalhos acadêmicos com esta nomenclatura, a fim de estar na minha totalidade como sujeito na elaboração de conhecimentos.

Desde meu início na trajetória, ou como se chama nas ruas, na caminhada, sempre refletia o porque existiam as pixações, por que necessidade se arriscar, por que era importante a memória. Um acúmulo de idéias sobre o pixo somou com a geografia, que me trouxe muitas bases para elucidar as dúvidas e de perceber a potência que esse movimento tem para a área, pelas suas dinâmicas revelarem contradições do espaço geográfico, e por estruturar com base numa movimentação, em circuitos da cidade. Longe de caracterizar a pixação como anarquista ou de luta de classes, e longe de negar a anarquia e luta que os subalternos fazem, o estudo objetiva entender as dinâmicas da pixação em São Paulo, a partir do olhar geográfico, refletindo sobre os circuitos e as territorialidades.

O nome dessa pesquisa procura tratar metrópole como dois sentidos, um ligado à metrópole da oposição aos territórios colonizados, pois as colonialidades ainda estão presentes na periferia paulista, e outro sentido ligado à região metropolitana de São Paulo, nosso recorte espacial, e que ao longo do texto será retratado também pela sigla RMSP. O subtítulo é em referência ao artigo de Rogério Haesbaert, “Da desterritorialização à multiterritorialidade” (2003), pois a estrutura de apresentação das ideias foi com base nesse sentido, relacionando com a temática. As pixações e grifes serão escritas sempre em letras maiúsculas para melhor identificação.

Esse trabalho de conclusão de curso, mediante as dificuldades que um pixador da periferia de São Paulo tem em chegar nos espaços acadêmicos e falar sobre pixação, é também um pixo, numa localidade difícil de se alcançar, pois para quem é do movimento, é mais fácil escalar um prédio pelos para-raios do que chegar no ensino superior. É um pixo que consegue se eternizar mais que nos efêmeros muros da cidade, pois já dizia minha mãe, o conhecimento é a única coisa que não podem tirar da gente.

## **2 MATERIAL E MÉTODO**

Para a realização da presente pesquisa, primeiramente tomamos como corrente de pensamento o método em Marx, baseado no materialismo histórico dialético, que nos forneceu a base para compreensão da pixação a partir da dialética entre classes dominantes e classes dominadas, e como a ocupação dos espaços se dá mediante essa lógica de transgressão, não necessariamente um movimento de luta de classes, no sentido de ser politizado e autoconsciente para um fim, mas de uma manifestação pela reivindicação da ocupação dos espaços centrais, que foram historicamente excludentes para as classes dominadas moradoras de periferias.

Posteriormente foi realizado uma revisão bibliográfica, compreendendo como o assunto pixação está sendo tratado nos meios acadêmicos e quais as potências discussões em relação a temática teriam a relevância para serem aprofundadas. Além disso, a revisão permitiu relacionar melhor as dinâmicas do pixo com o

pensamento geográfico, a partir do conceito de território de Rogério Haesbaert, como central para a análise, e o conceito de lugar de Doreen Massey em menor escala.

Nessa linha, buscamos alguns autores que abordam a pixação de São Paulo, em sua grande parte da antropologia, como Alexandre Barbosa Pereira (2010; 2013; 2005; 2016) e José Guilherme Magnani (2005; 2000; 1998). Seus estudos foram fundamentais pelas suas prévias discussões sobre a temática que possibilitou um desenvolvimento interessante à pesquisa, abordando sobre os termos, conceitos e formas de relação que estão presentes no movimento e suas imbricações com a periferia, como signo de pertencimento e unidade. Utilizamos também o estudo da semiótica da pixação com a dissertação de mestrado “A pixação na paisagem de São Paulo: o risco com o construção do sentido da vida urbana” de 2018 de Micaela Altamirano, que pode trazer uma importante relação da construção dos signos da cidade pela classe dominante e a disputa que os pixadores fazem

Para entender os processos de desterritorialização que as populações das periferias passaram, foi fundamental os trabalhos de Raquel Rolnik (2017; 2007) que dialogam com os autores apresentados, somado ao trabalho “Desigualdades raciais nas condições habitacionais da população urbana” de Eduardo Rios Neto e Juliana de Lucena Ruas Riani, para apresentar a lógica por trás dos ideias de renovação urbana que transformou o centro de São Paulo. Utilizamos da tese “Notas para a conceituação do sujeito marginal” de Aníbal Quijano para a compreensão dos signos dos sujeitos marginalizados e com os trabalhos “Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos.” de Tiaraju Pablo D’andrea e “Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do hip hop no Rio de Janeiro.” de Denílson Araújo De Oliveira foi possível compreender como o Hip Hop foi importante para a construção de territorialidades e para a auto conceituação da periferia.

A maior dificuldade inicial foi de encaixar o pensamento geográfico na análise, mas minhas dúvidas foram elucidadas com os trabalhos de Nécio Turra Neto (2007; 2009), Rogério Haesbaert (2003; 2004; 2009), o trabalho “A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a geografia.” de Alex Ratts, o ensaio de Igor Albuquerque “Pixação em São Paulo: Território e relações de poder na metrópole” e o ensaio de Luíz H. P. Nascimento: “Pixação, a arte em cima do muro”. Esses autores tiveram fundamental importância para entender as dinâmicas

da pixação a partir do conceito de território, nos sentidos da desterritorialização, reterritorialização, e multiterritorialização, e neste último, entendendo o papel das redes sociais no movimento.

Para aprofundamento nas análises, utilizamos o conceito de lugar de Doreen Massey de seu artigo “Um sentido global do lugar”, que dialoga fortemente com o sentido da pixação que estamos propondo, do conceito de formas simbólicas de Roberto Lobato Corrêa para o entendimento da disputa que o pixo faz na paisagem, e do termo meio técnico-científico-informacional de Milton Santos, pois as tendências que o geógrafo observou de nossa era também afetam as dinâmicas da pixação na metrópole, trazendo outros contornos e relações. Por fim, o Capital de Marx foi de grande valia para compreender os sentidos do valor para o pixo nos contextos de possibilidade de adentrar ao mercado.

Tivemos também como metodologia a realização de entrevistas semi-estruturadas com três pixadores importantes no movimento, ADZ do MESTRES, BRN do LOCURAS e REI do EXORCITY. As entrevistas foram feitas de forma remota, baseadas em um texto introdutório disponibilizado em apêndice, onde as principais proposições dos pixadores foram usadas com base teórica para a realização da dissertação, como forma do texto dialogar com o movimento como um todo.

Além disso, as vivências que o autor teve como pixador também ficaram presentes de alguma forma no texto, seja a partir de materiais documentais da pixação que fazem parte do acervo pessoal, de seus registros próprios do movimento, e pelo autor participar de uma série de grupos de pixadores nas redes sociais como *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram*, permitindo um acesso facilitado a dados e informações para a realização da pesquisa.

### 3 PERIFERIA

O monstro parece de prédios, ruas, viadutos,  
Que devora tudo,  
Mas se correr o bicho pega e se ficar o bicho come  
Nessa cidade de santo é só o nome,  
São Paulo é cruel,  
O esgoto suja o rio, o prédio arranha o céu,  
A fumaça faz um véu que deixa tudo acinzentado  
E eu to no meio desse caos organizado  
Muro pixado vidro quebrado busão lotado gente pra todo lado  
E todo mundo quer um pedaço desse bolo cinza  
Pra conseguir tem que ser ninja  
Ogi- Monstro Gigante

A história, os significados e as dinâmicas da pixação da Região Metropolitana de São Paulo só podem ser explicadas se estiver em conjunto ao histórico de desterritorializações que as populações da periferia de São Paulo passaram para suas formações, justamente por entender as pixações e suas relações como as formas inversas desses processos, ocupando os espaços onde foram expulsos. A partir de Altamirando, entendemos a Região Metropolitana de São Paulo como:

Constituída pelo município de São Paulo e mais 38 municípios que se agrupam em torno da capital do estado. Sua primeira definição legal data de 1967. É a maior região metropolitana do Brasil, atualmente com mais de 21 milhões de habitantes. Segundo o censo de 2000, a região concentrava mais de 54% da população brasileira que estudava ou trabalhava fora do município de moradia. (Altamirano, 2018 p. 97).

Nosso ponto de partida é a afirmação de Haesbaert “A primeira desterritorialização é a acumulação primitiva de capital” (Haesbaert, 2004 p.175). No trecho, o autor demonstra como o processo de desterritorialização é imbricado com o capitalismo, e sua consolidação foi feita a partir da destruição e saque de territórios, em nossa realidade, indígenas e africanos. Nesse sentido, o estado é o grande agente desterritorializador, sendo criado a partir desse processo, com a colonização, e se mantendo por esta mesma dinâmica, onde:

Muitos são os processos de des-territorializadores que aliam mobilidade e reclusão. Talvez o melhor exemplo histórico seja o de escrav(izad)os

africanos na América, que depois de uma maciça desterritorialização acompanhada de grande mobilidade espacial, sofreram um outro tipo de desterritorialização pelos espaços em condições de verdadeiras prisões em que foram colocados.(Haesbaert, 2004, p. 256 Parênteses do autor).

Nessa confluência, como afirma o mestre quilombola Nego Bispo, a colonização é uma guerra territorial. (Santos *apud* Ratts, 2020). O processo de saque das terras indígenas e africanas acabou por dominar os territórios tradicionais, jogando tais povos em diásporas, e assim resultando em outras formas de reterritorialização, com os precários espaços do regime escravista, que com sua abolição passaram a habitar os centros urbanos das grandes cidades. No caso da metrópole paulista, a partir da década de 1930 houve um processo de periferização das populações negras e pobres, com o higienismo e a ideia de “recriar um centro burguês”, expulsando tais pessoas do centro, somado ao loteamento de áreas distantes do centro e da autoconstrução. (Rolnik, 2007).

O marco desse processo vem em conjunto aos ideais de uma São Paulo europeia, marcado pelos valores positivistas de progresso e modernização, dando início a verticalização da cidade, marcado pela conclusão da obra do Edifício Martinelli, em 1929, sendo essa a figurativização desses processos. A liberação desses lotes e a valorização dessas terras só foram realizados com o deslocamento da antiga população pobre e negra que habitava tais regiões. O ideal burguês buscava criar uma paisagem paulista onde a população dominada ficasse de fora da visibilidade, onde não apenas seus modos e práticas foram desprezados, mas a nova formação da cidade buscou delinear meios para diferenciar os traços identitários das classes dominantes em relação à população marginalizada (Altamirano, 2018).

Essas transformações configuraram então formas de segregações mais claras, com o estabelecimento de territórios específicos para cada atividade e cada grupo social, com a formação de bairros proletários, loteamentos burgueses, a reforma do centro, dentre outras formas, que buscavam acentuar as diferenças. (Rolnik, 2017). Nesse cenário, as condições de vida das populações burguesas melhoram à custa de uma piora das condições de vida dos negros e dos mais pobres, que como resultado tiveram uma marginalização em acessos a serviços básicos, mas também na construção simbólica da cidade (Altamirano, 2018).

Junto a esse processo de formação das periferias existem as migrações internas de nordestinos e mineiros para São Paulo e Rio de Janeiro (Rolnik, 2007), que fazem surgir as primeiras grandes favelas do país, onde Haesbaert aponta que “Habitantes de uma favela muito precária podem estar tão desterritorializados quanto migrantes pobres em constante deslocamento” (Haesbaert, 2004, p. 252). O estabelecimento dessas pessoas nas periferias acaba por gerar também outras territorialidades, onde os processos históricos em comum geram afinidades, ideais de comunidades, e assim relações, onde a diversidade cultural de cada matriz, num mesmo espaço, criam culturas próprias das periferias, com estilos de vida próprios.

Esses processos ocorridos por um crescimento urbano acelerado e um déficit habitacional elevado levam a uma marginalização dessas populações, que acabam tendo como referência um grupo social ao qual não pertencem, e que são impedidos de pertencerem pelas barreiras de classe. Essas populações marginais existem na sociedade, mas não formam parte dos padrões e tendências que regem as estruturas dominantes, e por isso mesmo são agentes de mudança e transformação da sociedade (Quijano, 1978). A partir da chegada dessa massa nos bairros distantes do centro e sem nenhuma infraestrutura, segregados pela racialidade somada às condições de classe (Rios Neto & Riani, 2007), essas populações se territorializam, a partir da construção e controle de fluxos e redes, e da criação de referenciais simbólicos, “num espaço em movimento, no e pelo movimento” (Haesbaert, 2004, p. 315).

O estabelecimento de territórios passa pelas territorialidades, no caso os fatores que estabelecem os laços para a criação das redes de sociabilidade (Turra Neto, 2009). Onde além dos laços relacionados a fatores econômicos, históricos, regionais, raciais, temos também culturais, onde o estabelecimento de culturas próprias nas periferias acabam se transformando em fatores de identidade, afirmação, militância e empoderamento, forma a criar seus próprios territórios, que “envolve sempre, ao mesmo tempo, uma dimensão simbólico-cultural através da identidade territorial atribuída pelos grupos sociais como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem” (Haesbaert, 2003).

Nesse caso, temos as manifestações culturais afro-brasileiras tradicionais, mas no caso na pesquisa, também as manifestações culturais negras que tiveram suas bases importadas, mas que em solo brasileiro ganhou fatores que

tornavam também um movimento autêntico das massas, como a cultura Hip Hop e Punk (Turra Neto, 2009), onde ambos se desdobrando na pixação.

De acordo com Oliveira, o Hip Hop foi um dos fatores que auxiliou as populações periféricas a identificar a questão racial como obstrutor de acesso a espaços e ao direito à cidade, entendido também como estratégias territoriais, e fortalecendo a compreensão de negritude e de classe. (De Oliveira, 2012) Tais fatores contribuem enormemente para o estabelecimento de laços e assim, de territorialidades. O marco dessa tomada de consciência, importante mencionar o grupo de rap Racionais Mc's, um dos coletivos responsáveis por trazer novos significados ao conceito de periferia, colocando o sujeito periférico como o próprio conceituador do termo, a partir de suas próprias experiências, vivências e narrativas, onde D'andrea conclui: "Nas circunstâncias desagregadoras dos anos 1990, os Racionais enunciavam em seus discursos uma ética regulatória e auxiliavam no aumento da autoestima da população periférica" (D'andrea, 2020 p. 4)

Apesar de se reterritorializarem nas periferias, essa população necessita sair de seu território para de transitar pelo centro da cidade, um espaço segregador (Rolnik, 2007), A contradição se dá a partir do fato de que o centro paulistano não foi destinado para o uso e consumo de pessoas periféricas, mas as dinâmicas do capital forçam essas pessoas a terem que se deslocar e se relacionar com esses espaços como força de trabalho, mão de obra explorada, adentrando esse território a cada dia nos navios negreiros modernos<sup>1</sup> e nos espaços da grande capital. Circular no Centro de São Paulo para os moradores de periferia se dá também em caráter de "nó de articulação" entre os bairros e municípios pertencentes à RMSPP, o que reflete um processo de esvaziamento de população e de sentido para esta região da cidade. (Altamirano, 2018)

Entretanto, como mostra Haesbaert, todo movimento de desterritorialização acaba criando outras reterritorializações, onde:

A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba, em vários momentos, tendo efeito contraditório. As dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados, precisando assegurar a manutenção de sua identidade cultural. Último refúgio na luta por preservar o mínimo de identidade. (Haesbaert, 2004, p. 92).

---

<sup>1</sup> Como bem apontado pelo pixador MIA na sua postagem na rede *Instagram*, disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4tKynuxFC4/>

Nesse sentido, criam seus movimentos sociais para resistência, criando e fortalecendo redes de sociabilidade com potencial de mobilização com ações coletivas (Turra Neto, 2009), como a pixação, que acaba sendo uma forma de ocupação e transgressão daqueles que buscam o direito à cidade, rompendo as fronteiras de demarcação de classe e racialidade (Magnani, 2005) sendo essa uma forma de territorializar-se no centro segregador. Essas redes só foram possíveis com a afirmação dos sujeitos periféricos ao sentido de periferia, que pelas necessidades concretas desses espaços acabou unificando seus moradores na busca pela pacificação de seus territórios e pelo imperativo de visibilidade e direito à cidade que tais bairros necessitavam (D'andrea, 2020).

É nesse princípio que analisamos a pixação como forma da periferia paulista se territorializar no centro da cidade, onde as "quebradas" são os espaços excluídos e invisibilizados pela distância e questões econômicas e que mesmo assim buscam afirmar o sujeito periférico se evidenciando e destacando a partir de pixações na paisagem urbana em diversos locais, alguns em lugares altos, de difícil acesso, questionando a ordem oficial, a propriedade privada e a paisagem burguesa (Pereira, 2016).

#### **4 ALGUNS SENTIDOS DA PIXAÇÃO**

Se tu quiser saber que arte é essa  
Que domina na cidade  
É só parar um pouco  
E olhar pra cima  
FBC - Meus amigos pixador

Seguindo a linha de raciocínio, vamos apresentar a pixação da RMSP, refletindo acerca da história, suas relações e entender as dinâmicas territoriais que perpassam esse movimento. De forma inicial, é importante destacar a diferença significativa entre a pixação (com X) e a pichação (com CH). Primeiramente, pichar remete a qualquer forma de inscrição na paisagem urbana, independentemente de seu teor, de forma a ser vista, contemplada e direcionada para qualquer cidadão,

enquanto pixar remete a algo mais específico, a práticas de pessoas que deixam suas escritas de forma estilizada no espaço urbano. (Pereira, 2010). Diferente de pichar, que acaba tendo como seu público todos os cidadãos que se relacionam de alguma forma com a paisagem, o pixo em realidade é feito para outros praticantes do movimento, para o circuito próprio dos pixadores, e são eles os que conseguem compreender os traçados e símbolos estilizados. (Pereira, 2005)

O início do movimento e a necessidade de diferenciar a grafia (de CH para X) remonta ao final dos anos 80, com a redemocratização do país e a Constituição de 1988. No contexto, com as periferias em situações de falta de estruturas de lazer e de espaços culturais, os moradores mais jovens passam a se organizar e se unir em grupos, adotando seus codinomes ou “vulgos”, e iniciam então um movimento pelo direito à cidade, em formas de ocupações simbólicas no centro da cidade. Nesse sentido, a autora Altamirano defende também ser um “meio de encontrar um sentido mais nobre à sua existência e, assim, passam a se apropriar dos locais abandonados, invisibilizados ou segregados da metrópole.” (Altamirano, 2018, p. 126-127).

Seguindo a linha da caracterização do movimento, Pereira (2005) apresenta os três elementos principais que caracterizam um pixo, no caso:

A grife, que congrega diversos grupos de pixadores, representada, geralmente, através de um emblema; o “pixo” ou “marca”, nome dado ao grupo de pixadores; e, de forma abreviada, o nome, ou o apelido, dos indivíduos que integram aquele grupo e que estavam presentes no momento da ação. (Pereira, 2005, p. 13)

Um forte elemento são as grifes, símbolos que representam união entre diferentes marcas, e que carregam dentro de si suas identidades territoriais, que será melhor debatido posteriormente. Além desses, as pixações podem vir acompanhadas de referências às localidades dos autores do pixo, ainda mais se tratando de inscrições distantes do local de origem do praticante. No caso, podem vir a referência ao bairro, muitas vezes alterando o nome e relacionando com algum outro adjetivo que o destaque de alguma forma, em exemplo Pirituba=Paristuba, Jardim Peri=Jardim Perigo, Perus=Perusferia ou Tremembé=Tremembéck. (Imagem 1). Muito comum também, ao invés de referenciar seu bairro, citar a zona em que ele se localiza, mas apenas as iniciais, ou caso seja de outro município, colocar seu DDD (Pereira, 2005).

Figura 1- Grapixo em conjunto a um graffiti, dos autores Fumaça e Izzy, e abaixo escrito “Tremembék”.



Fonte: Perfil de *Instagram* do pixador “Fumaça”, disponível em: [https://www.instagram.com/fumaca\\_belas.artes/](https://www.instagram.com/fumaca_belas.artes/) (2024)

Legenda: Parede de cor branca e cor pêssego com um graffiti de uma personagem de touca, dreadlocks, pele verde com orelhas puxadas como elfo, camiseta laranja e segurando um pincel e ao lado um gratag (junção de graffiti com o tag), com as cores azul e rosa, contornados de preto. Abaixo está escrito “tremembék” em verde.

A escolha dos nomes para os pixos também reflete bastante os significados dessa prática. Apesar de também terem pixações de um único autor, os pixos em sua maioria são feitos em grupo, e a escolha da alcunha reflete uma ressignificação da palavra pelos praticantes, onde “Em alguns casos, incorpora-se adjetivos que a população, a imprensa e mesmo o poder público costumam atribuir a eles” (Pereira, 2005, p. 29), no sentido de apropriar de termos usados pejorativamente e alterar seus sentidos, de forma que faça parte da identidade do coletivo, como por exemplo os pixos “selvagens”, “malucos”, “sujos”, “marginais”, dentre outros. A escolha do nome também pode refletir os gostos pessoais do grupo, referências ao uso de drogas, prática de Skate, dentre outros. De modo geral, os nomes refletem as dinâmicas que os pixadores se relacionam, marcado pelo cotidiano das periferias (Pereira, 2005).

Para o movimento, ser original é um fator importante, logo é imprescindível que na criação de um pixo não se use uma palavra já usada em outra marca. O certificado de originalidade é o tempo, se o pixo é mais antigo que o outro, é ele quem tem o direito de usar a palavra (Pereira, 2005). A pixadora ADZ MESTRES comenta sobre o fato, justamente por existirem três pixos com a palavra

MESTRES, algo que no passado já gerou conflitos, mas que por cada um ser de uma localidade da cidade, ficou entendido que não houve cópia.

As periferias da Região Metropolitana de São Paulo são os locais de origem dos pixadores, não apenas isso, como a pixação é uma manifestação estética própria desses moradores (Pereira, 2005), que entendem o centro da cidade como um espaço a ser apropriado. Pixar o centro da cidade possui enorme significado para eles, sendo este local que todos os pixadores passam, inclusive para ser considerado um “pixador de verdade”, é obrigatório que o mesmo tenha já feito seus pixos no centro da cidade (Pereira, 2010). Como será visto mais adiante, é no centro que a territorialização acontece, a partir dos “points”.

Podemos apontar as escolas das periferias como um dos principais espaços para a criação de pixações e o estabelecimento de grupos, justamente por ser um dos primeiros locais de socialização de jovens (Pereira, 2005). A pixadora ADZ do pixo MESTRES corrobora com a afirmação, apontando que muitas grandes “grifes” foram criadas em escolas, como “OS INFERNALS”, criada nos finais dos anos 90 na escola Ermano Marchetti, escola da periferia de São Paulo no bairro Pirituba.

A união entre os pixadores é forte, ADZ MESTRES afirma “Nós se unem porque nós gostamos do rabisco”. REI do pixo EXORCITY aponta ser esse laço de grande importância, é aquilo que cria uma afinidade entre os pixadores, o que gera confiança e que deixa o vínculo forte, o “gostar do rabisco” gera unidade, e REI afirma que a união é o que nos deixa forte, enquanto grupo, e nos deixa vivo, enquanto indivíduo. Para a pixadora ADZ, o senso da coletividade vem pelo cotidiano que cada um enfrenta por ser da classe trabalhadora e de periferia, onde é o “próprio dia a dia” que gera identificação entre os outros, é a “correria” um fator de unidade.

Os pixadores REI e BRN do LOCURAS afirmam que “a gente se espelha em quem tá mais perto”, fazendo referência a música “Mundo mágico de OZ” do grupo de rap Racionais MC’s<sup>2</sup>. Se espelhar em quem está mais perto, para os dois, remete a se identificar com nossos colegas das nossas “quebradas”, sendo a localidade e a condição social como algo que os familiariza. BRN comenta sobre como os espaços de lazer nas periferias criam e fortalecem esses laços, como os

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5OOwtCcN74Y>

eventos de rap, os jogos de futebol, e demais espaços que se criavam eles. Para Pereira, no movimento pixação:

Se o sujeito com quem se interage mora em alguma "quebrada", ele já demonstra que tem algo em comum. Ele é reconhecido como alguém com quem se pode traçar laços de sociabilidade, tornando-se uma pessoa próxima (Pereira, 2005, p. 61-62)

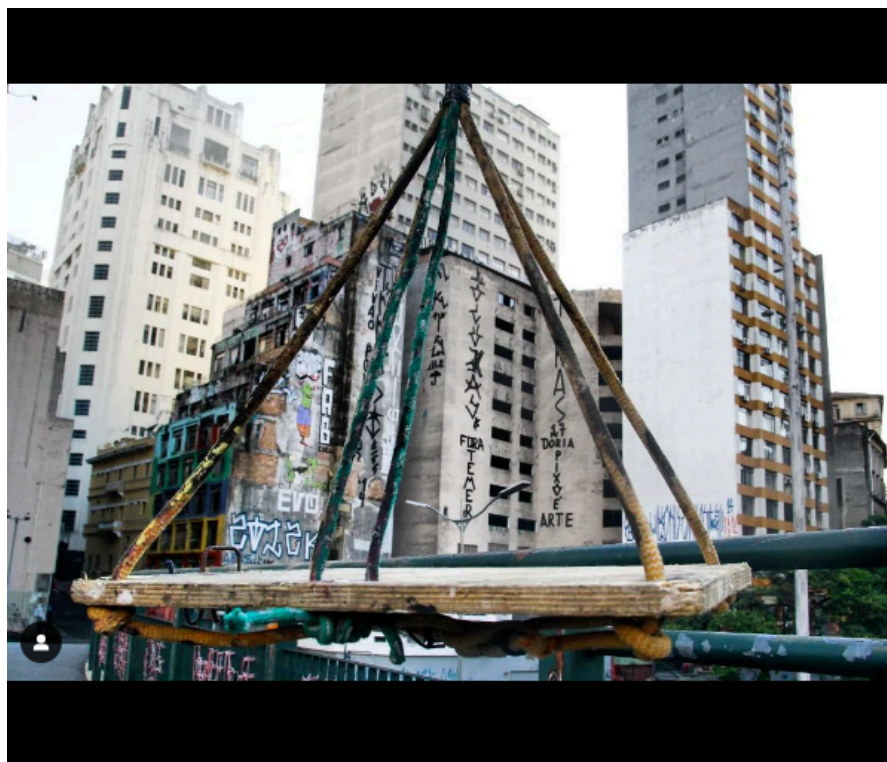
Um pixo carrega fortemente a identidade de quem o faz, onde REI aponta ser natural, "você é o pixo, você vive aquilo". BRN, em relação a sua marca LOCURAS, diz que "é o que eu era, é o que eu sou, é o que eu posso me tornar", para ele, criar um pixo é criar um nome para sua adrenalina, é querer fazer parte de algo. Fazer parte de algo, na RMSP, é buscar existir enquanto cidadão. Para um iniciante, como aponta REI, a ânsia por ser reconhecido é forte, mas que "depois de uma cota é natural, você não tenta ser, você é." No movimento, admirar um pixo é, nas palavras de BRN, "admirar a audácia individual de cada um". A pixação atua também na autoestima de cada sujeito, onde REI aponta que é porque é você quem criou a ideia, construiu a estratégia, e realizou o ato, para ele, pixar é colocar uma ideia em prática, é se afirmar.

Pereira entende o pixo como a assinatura de uma performance, uma imagem que os pixadores constroem de si, compreendida apenas para quem faz parte do movimento. A pixação atua também nas dinâmicas do visível e invisível, atuando para suas marcas serem o mais visível possível para quem é do circuito, ao mesmo tempo que o indivíduo em si seja anônimo, algo como um "herói dos tempos modernos" (Pereira, 2016). O pixador precisa do anonimato para não ser reconhecido e penalizado pelas autoridades, ao mesmo tempo em que busca ter seu pixo, uma imagem construída de si, vista pelo maior número de praticantes.

Para quem inicia no movimento, é comum que os pixos sejam em seus bairros de origem, sair para pixar em outros bairros e no centro é o que torna um pixador legítimo (Pereira, 2005). Para ADZ, aquele que não vai para as outras regiões além da sua para pixar é um "pixador regional", e no mesmo sentido, BRN aponta que esses são os pixadores de zona, "bairreiro". É saindo de sua "quebrada" para conhecer outras, ou para o centro da cidade, que o pixador "se forma", e é a partir desse circuito que os praticantes tomam conhecimento da imensidão da cidade, do complexo de relações que nelas existem, e o que é de fato o direito à cidade, onde BRN afirma, seguindo essa linha, que conheceu a dimensão de São

Paulo saindo de seu bairro para pixar. Essa forma de relação com a cidade é única entre os pixadores, pois além de ir conhecendo outros bairros, também vão conhecendo outros praticantes, e assim aumentando o circuito, como aponta REI. É nesse sentido que BRN afirma que dificilmente os pixadores se perdem na cidade, pois se localizam a partir dos pixos nas paisagens.

Figura 2- Pixos em rapel próximos ao Terminal Bandeira, centro de São Paulo.



Fonte: Página de *Instagram* do Pixador BRN LOCURAS, disponível em: [https://www.instagram.com/p/CvLH9Uyuq7L/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CvLH9Uyuq7L/?img_index=2) (2024)

Legenda: Foto de prédios na região central de São Paulo. Os edifícios estão com pixos feitos em rapel, onde dois deles levam as escritas “fora temer” e “Dória pixo é arte”, feitos em vertical. No primeiro plano da foto vemos a “cadeirinha”, usada pelos pixadores para realizar o rapel.

Os pixadores chamam o ato de pixar como “fazer um rolê”, e essa designação evidencia o modo de relação que eles têm com a cidade, demonstrando a importância da circulação na cidade, e da escrita, como forma de registro de seus percursos (Pereira, 2013). Nesse sentido, a mobilidade no espaço ganha centralidade, onde se destaca o ônibus, que além de realizar o transporte, também permite que os passageiros vejam a cidade, o que para o pixador é fundamental, sendo assim, muitos dos alvos dos praticantes são as ruas e avenidas que passam os transportes coletivos, principalmente aqueles que cortam a cidade ou que ligam a periferia ao centro (Pereira, 2005).

Nesse sentido, podemos apontar que nos atos de registrar suas passagens, vivências e memórias através de suas marcações nas paisagens, os pixadores se reinventam e inventam uma cidade própria, articulada por seus pixos, e nesse sentido, reivindicam uma participação efetiva no espaço público e político (Pereira, 2016). A busca pela reivindicação é o que torna tal forma de transgressão uma das principais inimigas dos espaços públicos (Pereira, 2005), justamente por ser uma ação direta para participar radicalmente da paisagem e da dinâmica da cidade, proferido por pessoas da periferia que historicamente foram excluídas e segregadas dos espaços da classe dominante, o que logicamente é encarada como um grande insulto para a burguesia.

Os pixos atuam nas formas urbanas, e não nas suas funções, como diz Djan: “o pixo não inutiliza uma parede, um muro. O muro continua apto a cumprir sua função. Mas seu significado muda.” (Djan *apud* Altamirano, 2018 p.181). Partindo desse ponto, quando um pixador realiza seu ato em um muro, altera seu carácter simbólico, onde o que era marcado como uma forma de separação e de falso público, se torna um espaço de registro de memórias e trajetórias, e quando começa a se tornar uma agenda (uma parede com vários pixos encaixados, de vários anos e com diferentes pixadores de alternadas regiões da região metropolitana), revela não uma territorialização do indivíduo, mas das periferias paulistas. Utilizando as ideias de Roberto Lobato Corrêa sobre as formas simbólicas (Corrêa, 2007), é possível entender a pixação também como uma forma da periferia disputar essas formas simbólicas e desse modo criar as suas a seu modo, ressignificando os espaços, como ocorrem nos “points”, os lugares de encontro do movimento, que muitas vezes são em locais históricos para história dominante da cidade, e que será discutido mais adiante no texto.

O conflito com a pixação e seus praticantes, em uma cidade euforizada pelo consumismo, reflete que a problemática não está na paisagem em si, mas no que é manifestado. As formas de ocupação da paisagem em realidade seguem um padrão de propagandas em fachadas de prédios que vigorou até 2006 na cidade de São Paulo, com a chamada Lei Cidade Limpa<sup>3</sup>, que teve efeito na drástica diminuição das publicidades da cidade. Nesse sentido, quando eram as propagandas de grandes empresas e marcas nos topos e laterais de prédios, não havia essa

---

<sup>3</sup> Mais informações sobre a lei, consultar em: [Lei Cidade Limpa – Cartilha](#).

estigmatização, como algo que deteriorava a cidade, diferente quando estamos tratando a pixação, que Altamirano conclui:

Essa manifestação que dá a ver as condições da vida do sujeito periférico e anuncia que a cidade não é de quem tem o poder, mas de quem ousa se apropriar dela. [...] O pixo, assim como os movimentos de luta por moradia, exibem nas centralidades de São Paulo uma condição de vida que a sociedade insiste em invisibilizar, em manter segregada. (Altamirano, 2018, p. 288)

Partindo desse princípio, o movimento em realidade escancara uma desigualdade, segregação e invisibilidade que sofrem não apenas as periferias, mas seus sujeitos, que veem a pixação como forma de contrariar os estigmas de suas localidades, ocupando de forma simbólica os espaços destinados às pessoas da classe dominante. Fazendo analogia de São Paulo como um organismo, a pixação não é uma doença, mas é a febre, é a manifestação de que algo nesse organismo está errado, não funciona bem, e que urge estar em bom funcionamento.

## **5 TERRITORIALIDADES**

Após as explanações sobre a desterritorialização dos sujeitos periféricos e da apresentação inicial sobre o movimento pixação, iremos neste capítulo apresentar as territorialidades na pixação, fatores que estabelecem os laços para a criação das redes de sociabilidade (Turra Neto, 2009) ou redes de territórios. Nesse sentido, inicialmente analisaremos três conceitos que ficam evidente na relação dos pixadores uns com os outros, a humildade, a lealdade, e o proceder, entendendo como tais termos exprimem uma forma de relação entre os integrantes que pressupõe sentidos de coletividade, igualdade e respeito mútuo. Posteriormente, adentraremos na questão do risco como outro fator de territorialidade, ligando os cotidianos difíceis das periferias paulistas com a prática da pixação, refletindo como a construção de signos nesses espaços acabam sendo transportados para o movimento. Nesse sentido, outro elemento a ser analisado é a memória, buscando entender como a reivindicação pela memória é importante no movimento, e como tal fator entra em disputa com a memória oficial da região metropolitana de São Paulo. Por fim, apresentaremos as “grifes”, refletindo elas como redes de territórios da pixação, por serem simbolicamente a união entre diversas localidades e

“quebradas” e o círculo da cultura de rua como união dos movimentos populares que territorializam no centro.

## 5.1 HUMILDADE, LEALDADE E PROCEDER

Humilde é uma pessoa grande,  
Que trata os outros  
Como se fossem maiores.  
Sérgio Vaz - Flores de alvenaria

Dentre os fatores que estabelecem laços entre os integrantes do movimento, inicialmente iremos refletir acerca da humildade, lealdade e proceder. São formas e condutas de comportamento extremamente importantes nas dinâmicas da pixação, é inaceitável o pixador que se ache melhor que o outro, ou aquele não cumpre sua palavra, e muito menos aquele que não sabe se portar entre os iguais (Figura 3). Uma marca da forma de relação que existe entre os praticantes está quando um pixador conhece o outro, que Pereira demonstra: ” era comum neste contato inicial entre eles a seguinte pergunta: “o que você lança ?” (Pereira, 2005, p. 94). O questionamento, além de saber o que o outro pixa, cria uma identidade um com o outro, os colocam em uma mesma esfera de idéias, e permite que aquele que questionou localize o outro na cadeia de relações da pixação, refletindo então, a partir da resposta, onde já viu os pixos da pessoa, com quem essa pessoa já pixou, quais bairros ou zonas esse pixo foi visto pela pessoa. Mesmo que a pessoa desconheça a marca que o outro falou fazer, é importante dizer que já viu, como forma de respeito, o que nos leva ao sentido da humildade.

Figura 3- Pixos com a escrita “nunka desfaça de ninguém!”, em referência às normas de conduta dos pixadores.



Fonte: Página de *Instagram* do pixador LITO SELVAGENS. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8xUnvLxCUp/> (2024)

Legenda: Na imagem vemos uma agenda de pixos em um portal de metal, onde abaixo das marcas em vermelho está escrito “Nunka desfaça de ninguém!”.

Para conceituar e entender a humildade, traremos a poesia de Sérgio Vaz, poeta da periferia de São Paulo, e que define humilde como “uma pessoa grande que trata todas as outras como se fossem maiores.” (Vaz, 2016, p. 62) Nesse sentido, humildade é como um código de postura e comportamento, uma forma de relação com o próximo que não prevê hierarquias, que entende sua importância e relevância individual, ao mesmo tempo que entende a dos outros. Para o universo da pixação, a humildade é de grande valor, e é nessa noção própria que se garantem as relações de troca e aliança (Pereira, 2010). Partindo desse princípio, Pereira demonstra que os pixadores entendem humildade como:

A humildade entre eles é mais bem definida pelas suas negativas. Humilde é aquele que não conta muitas vantagens, que não se porta como se fosse superior e que não desmerece os outros pixadores, mesmo que os mesmos estejam começando. Enfim, a humildade para os pixadores não têm o caráter de demonstrar uma certa inferioridade ou submissão, mas sim de evitar que alguns demonstrem superioridade em relação aos outros. Assim,

a valorização da humildade funciona como uma estratégia para garantir a reciprocidade.(Pereira, 2005 p. ,91)

Partindo desse princípio, podemos compreender o sentido de humildade para o movimento como uma forma de garantir a harmonia entre os pares, de evitar os conflitos, de garantir um respeito mútuo e evoca também uma ideia de já estar receptivo para o contato com o outro. Para os pixadores, existem duas diferentes formas de humildade, uma verdadeira, usada entre os iguais, e uma dissimulada, utilizada de forma estratégica contra as autoridades, a fim de que se forem pegos por policiais, consigam evitar maiores problemas (Pereira, 2005). O efêmero respeito às autoridades existe apenas neste momento.

Outros fatores que garantem o elo entre os praticantes é a lealdade e o proceder. A lealdade se traduz na confiança entre os pares, na garantia que acordos recíprocos e alianças sejam respeitadas (Pereira, 2005), onde nos contextos de inserção nas redes de sociabilidades, as “grifes”, e em ocasiões de conflitos entre esses grupos, que a unidade seja mantida, que suas marcas não sejam prejudicadas com “atropelos” (pixar por cima de outro pixo, considerado extremamente desrespeitoso) e que certas normas e ideologias sejam respeitadas.

O proceder, para os integrantes do movimento, remete a dois significados, o primeiro a de procedência (origem, proveniência), e o de procedimento (como um modo de se portar, de comportamento). Nas palavras de Pereira: “a ideia de proceder – ou simplesmente “procedê”, como muitos costumam dizer – refere-se a normas de procedimento permeadas por noções de procedência social.” (Pereira, 2005, p.95). O “procedê” é o código de comportamento que em sua prática carrega o sentido da humildade e lealdade, é o saber chegar, saber sair, e saber se portar em cada espaço, algo fundamental para os pixadores.

A humildade, a lealdade, e o proceder é o que garante que conflitos entre os integrantes não ocorra, onde a quebra de cada um desses pactos pode gerar disputas. Na região metropolitana de São Paulo, no fim dos anos 90 para o início dos anos 2000, duas grandes grifes de pixação, OS MAIS IMUNDOS e OS REGISTRADOS, entraram no que os pixadores chamam de “treta”. No trabalho de Pereira, foi possível compreender, a partir de capturas de telas de bate papos online, o como o início do conflito é permeado por boatos, onde na maioria dos

mitos de origem vemos ter iniciado com a quebra de um desses pactos, o que demonstra a relevância de seu jeito de se portar para o círculo (Pereira, 2005).

## 5.2 MEMÓRIA

Minha prova de amor pela cidade  
Onde a miséria e descaso tem propriedade  
Quem nunca pixo o nome da namorada numa árvore?  
Quando eu morrer quero meu pixo numa pedra de mármore  
-Grilo 13. Pixar é humano

A memória e sua manutenção fazem parte das dinâmicas do movimento, é importante não apenas o ato de pixar e seus trajetos, mas que os pixos resistam ao tempo e acompanhem a história da cidade, que possam aparecer em reportagens em jornais impressos ou não, que de alguma forma seja registrado e faça parte da história da pixação, mas também de modo marginal, da cidade. Altamirano, nesse princípio, entende que a pixação conta a história de São Paulo, mas não a edificada, dominante, branca e europeia, mas sim a cidade vivida, da classe dominada, periférica, preta e parda. (Altamirano, 2018) A ambiguidade do sentido da história revela uma disputa entre os praticantes e os aparelhos do estado.

O movimento é acusado de conspirar a memória da cidade, justamente por muitos de seus alvos serem prédios tombados e monumentos antigos, onde inclusive, um dos primeiros e maiores pontos de encontros dos pixadores era na Ladeira da Memória, próximo a saída da estação Anhangabaú, que é também o monumento mais antigo da cidade de São Paulo (Pereira, 2013). Para os pixadores, fazer suas marcar em locais históricos da cidade é uma forma de produzir as suas próprias, o que Pereira mostra que quando o feito é realizado:

Primeiro, porque neles haveria maior repercussão entre os colegas, que veriam a marca e comentariam a ousadia no point, saudando o autor quando o encontrasse; e também porque certos segmentos da imprensa sempre se interessam em realizar matérias sobre atos de vandalismo contra bens arquitetônicos considerados importantes. No caso das matérias em jornais, haveria fotos da pixação, o que contribuiria para divulgar ainda mais a ação. Essas matérias, aliás, seriam guardadas como recordação junto ao acervo de folhinhas. Além disso, e esse era o segundo motivo, as estruturas dos edifícios e bens históricos quase sempre são de pedra ou de

materiais antigos que não podem ser pintados e que, por isso, proporcionam um maior tempo de exposição para a pixação.” (Pereira, 2013, p. 88)

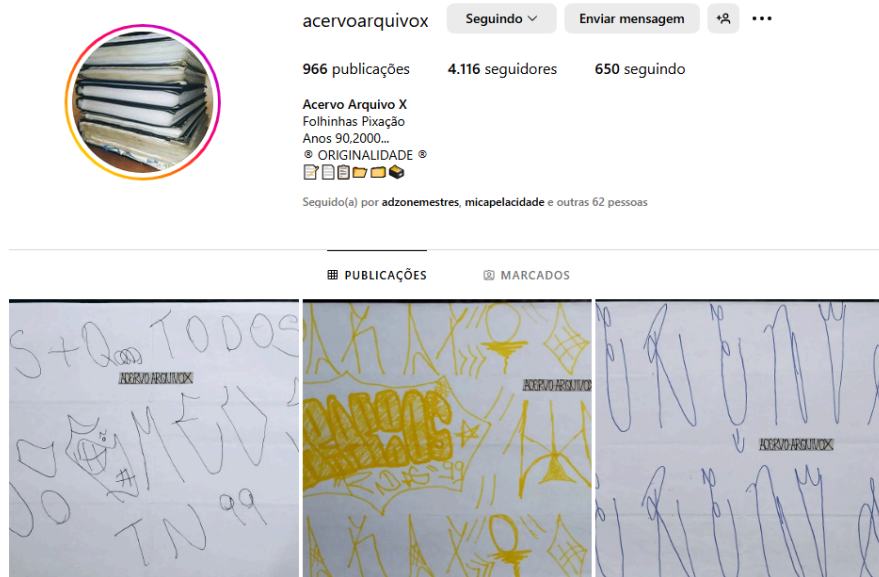
Como bem observado, o movimento utiliza como também suporte de seu registro de memória a própria repercussão do ato nas mídias, que caso apareçam fotos dos pixos, se tornam materiais valiosos, passando a fazer parte do acervo de folhinhas e colecionado. Outro ponto a se relacionar mediante a memória é o material das edificações, onde os pixadores procuram realizar seus atos em paredes de pedras ou materiais antigos, que geram dificuldade para apagar, levando muitas vezes a eternizar a marca, que caso o autor ou autora tenha falecido, seus aliados vão buscar sempre a proteger contra “atropelos” de rivais ou iniciantes.

A memória no movimento é uma territorialidade, estabelece signos que permitem um acúmulo, onde os integrantes buscarão sempre dar continuidade. Grande parte dos pixos existentes foram criados de 20 a 30 anos atrás, onde as marcas são passadas para os mais novos para renovar e garantir a permanência na história e na paisagem. As formas de marcar as eras de cada integrante é denominando “gerações”, e os pixadores mais novos devem honrar e manter o legado que lhes foi passado. O espaço urbano passa a se transformar também em um espaço de memória, próprio para aqueles que foram excluídos da história da cidade, nesse princípio, torna-se uma representação do espaço urbano construídas a partir das memórias coletivas acumuladas (Pereira, 2013).

Sendo esse elemento altamente valorizado nas dinâmicas, é importante que suas marcas resistam ao tempo nas paredes, entretanto, enfrentam a efemeridade que são os muros e paisagem em si, onde uma marca na parede pode durar 30 anos, ou no mesmo dia ser apagada, evidenciando uma dimensão temporal da territorialidade, que os pixadores se relacionam fortemente. Com isso, os integrantes do movimento organizaram sua própria forma de registro, o acervo de folhinhas, ou pasta de pixos, folhas que contém as marcas de grandes pixadores, adquirido nos pontos de encontro dos pixadores, os “points”, ou nas festas. Nessas ocasiões, ocorrem as trocas de folhinhas, com cada um realizando sua marca na folha e trocando pela do outro, o que posteriormente será guardado numa grande pasta, que contém também recortes de matérias de jornais que contenham fotos de

pixações (Pereira, 2005). Na figura 4 vemos um exemplo dessas pastas, onde as folhas foram publicadas na rede social *Instagram*.

Figura 4 - Acervo de folhinhas de pixadores no *Instagram*.



Fonte: Página de *Instagram* Acervo Arquivo X. Disponível em: <https://www.instagram.com/acervoarquivox/>

Legenda: A imagem é uma captura de tela de um perfil da rede social *Instagram*, onde as postagens são de fotos de folhas com pixações antigas.

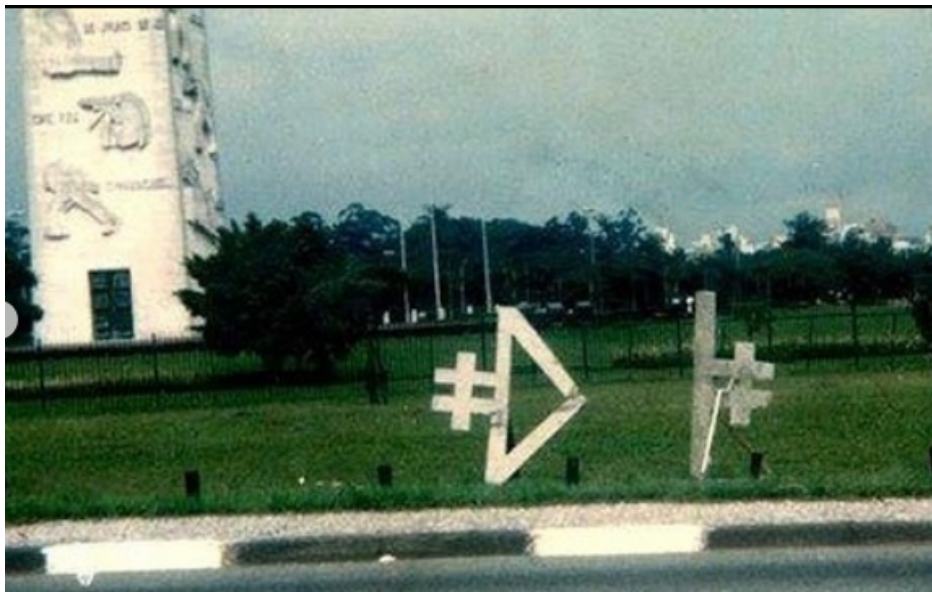
As dinâmicas de memórias permitem também que pixadores possam ser históricos dentro do movimento, não apenas pelos seus atos, mas também como ficou registrado e marcado e dentre tantos, destacamos o DI. O pixador BRN do pixo LOCURAS, mas não apenas ele, como quase que a totalidade do movimento, considera o DI como o maior de São Paulo, pela quantidade de pixos, pela audácia da realização de seus atos, pela atitude, pela humildade, por fazer edifícios como o Conjunto Nacional e o prédio da COPAN e por buscar trazer a relevância do movimento como uma forma de fazer arte.

BRN relembra uma ocasião em que o pixador em 1992, a fim de alargar o circuito da pixação, construiu um monumento de metal com sua marca, e expôs no Parque Ibirapuera em São Paulo (Figura 5), sendo removido sem muitos alardes poucos dias depois. Notando que o ato reverberou pouco para a mídia, DI escreveu uma carta para o governador do estado<sup>4</sup> Luíz Antônio Fleury Filho para que ele fizesse algo para que o ato fosse publicado nos jornais e que reconheça o

<sup>4</sup> A carta está publicada na íntegra no trabalho de Micaela Altamirano (2018)

movimento como uma forma de se fazer arte (Altamirano, 2018). BRN afirma que DI é um dos poucos pixadores que possuem a história registrada de forma tão abrangente, e que a história da pixação, e porque não da cidade em si, passa pela sua história. O pixador faleceu em 1997, e o movimento faz questão que sua existência esteja sempre presente na história.

Figura 5- Escultura do pixador DI no Parque Ibirapuera, estabelecendo uma territorialidade no espaço.



Fonte: Página de *Instagram* Beside Colors. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/B-FzfNkBa5y/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/B-FzfNkBa5y/?img_index=2)

Legenda: Escultura do pixo DI, feita de metal, exposta no parque Ibirapuera. Ao fundo é possível ver o monumento conhecido como "Obelisco de São Paulo".

O pixador BRN do pixo LOCURAS, e a autora Micaela Altamirano, junto com outros integrantes, fazem parte do Coletivo ArdePixo, que atua na elaboração de materiais audiovisuais, oficinas em espaços culturais e escolas, e no registro da memória dos pixadores. Uma de suas ações se chama "placas de memórias", e tem o objetivo de realizar placas em marcos históricos para a pixação, como forma de registrar e marcar na paisagem.(Figura 6) As localidades foram o "point da pixação no centro", "pixo de corda do loucos da 7" (local em que a primeira pixação com rapel foi realizada em 1997, modalidade hoje mais presente), o "point do itaim paulista", "o pixo protesto" (em prédio ocupado por movimentos de moradia, marcando uma união com o movimento pixação), o "primeiro point da pixação no centro" (localizado no Largo da Memória, considerado o primeiro monumento da

cidade de São Paulo), o “pixo do DI” (um dos inúmeros pixos que resistiram a mais de 20 anos), o “point da pixação na zona sul” e por fim o “point da pixação no MC da Lapa”. O projeto foi realizado em parceria com a prefeitura de São Paulo, o que BRN entende como uma contradição, onde é a mesma quem criminaliza os pixadores, mas que ao mesmo tempo permite esse tipo de ação. Tal projeto é fundamental e explora outras formas de marcar e registrar a história da pixação, trazendo conexão com pessoas que não são necessariamente do movimento, mas que podem aprender e entender os sentidos, quebrando alguns estigmas relacionados à prática, como do desrespeito a memória da cidade, pelo menos com a cidade edificada, e não a vivida.

Figura 6 -Modelo das Placas da Memória



Fonte: Página do *Instagram* do coletivo Ardepixo. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/ChTC2t0OQQh/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/ChTC2t0OQQh/?img_index=1) (2024)

Legenda: Captura de tela de modelo das placas da memória, onde ao fundo vemos um mapa em malha da cidade, e no primeiro plano a placa, escrita “Point da pixação no centro” e abaixo “Ponto de encontro dos grupos de pixadores de São Paulo e municípios vizinhos desde meados dos anos 2000. Este é o principal local de sociabilidade desse grupo na região central, onde trocam folhas com suas marcas como forma de salvaguardar a memória”.

### 5.3 RISCO

Nem picasso, michelangelo não se arriscaram  
A pixação é a arte que discriminaram  
Escandalizaram, não foi valorizado  
Se continuar os sintomas um médico deverá ser consultado  
Temos que ser indenizados dessa tortura  
Nunca fomos remunerados dessa vida dura  
Mas tudo acontece às escuras  
Ele vai anotando tudo em suas escrituras  
Na frente da viatura de ponta Cabeça mó loucura  
Ninguém sai vivo dessa só fica sua assinatura  
Grilo 13 - Pixar é humano

Para os pixadores, o risco é um elemento central nas dinâmicas do movimento, podendo ser representado a partir de diferentes esferas, como a policial, onde um flagrante do ato pode levar o praticante a ser pintado, agredido, prejuízos jurídicos, e até mesmo a morte, como ocorrido com os pixadores JETS ALD e ANORMAL, em 2014<sup>5</sup>. O risco está presente também em relação a própria população, que pode empurrar um pixador de uma escalada ou partir para a agressão, onde ficou marcado o caso do pixador RO OSDOIDERAS, que foi assassinado dentro do estacionamento de um supermercado por pixar a fachada do estabelecimento<sup>6</sup>. Outro fator de risco está nas localidades em que se escolhe realizar a marca, principalmente se tratando de lugares altos, acessível apenas escalando e sem nenhum tipo de equipamentos de segurança, onde uma queda seria fatal.

REI do pixo EXORCITY ressalta que a pixação “não é fácil, tem vários riscos”, e BRN completa, “meu pixo é minha vida, todo rolê é um risco, eu não saio para brincar, mas para guerrear, nossa arma é a tinta, quem vem nos matar são eles”. Suas afirmações refletem um desequilíbrio de forças desse conflito entre os pixadores e a sociedade e suas autoridades, onde o ataque feito pelo movimento se dá com tintas, uma forma pacífica de fazer a “guerra”, ao contrário das autoridades,

---

<sup>5</sup> Para mais informações:

<https://ponte.org/documentos-apontam-que-pichadores-foram-executados-por-pms/>

<sup>6</sup> Para mais informações:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/23/pichador-e-morto-em-banheiro-de-supermercado-na-zona-sul-de-sao-paulo-policia-investiga.ghtml>

que enfrentam com armas, agressões e aparatos estatais que prejudicam desproporcionalmente os praticantes. Para os eles, o risco tem duas noções, a de adrenalina, ligada ao momento do ato com as incertezas da possibilidade ou não de realizar o feito, e a de perreio, ligada aos momentos em que o pixo é barrado pelas autoridades, moradores ou seguranças particulares, na impossibilidade de realizar ou concluir o feito. (Pereira, 2013)

O sentido de vivenciar o risco é de colocar um significado às suas existências (Pereira, 2016), onde as dinâmicas do capitalismo da Região Metropolitana tornam suas vidas supérfluas, invisíveis nas periferias, sem possibilidades de ascensão e de construção simbólica da cidade. Refletem também seus cotidianos nas periferias, suas “quebradas”, que em seus dia a dia enfrentam inúmeros riscos, seja pela qualidade de vida ser pior em relação a outras localidades, como também pela guerra às drogas, que na prática serve para criminalizar jovens de periferia, em sua maioria, pretos e pardos. Vivenciar esses riscos é uma forma desses jovens refletirem seus cotidianos periféricos, e superar, é como uma forma de elevar suas autoestimas, pois os mesmos sobrevivem no dia a dia marcado pela violência em suas "quebradas", sendo assim, os riscos envolvendo a pixação são considerados menores. (Pereira, 2013)

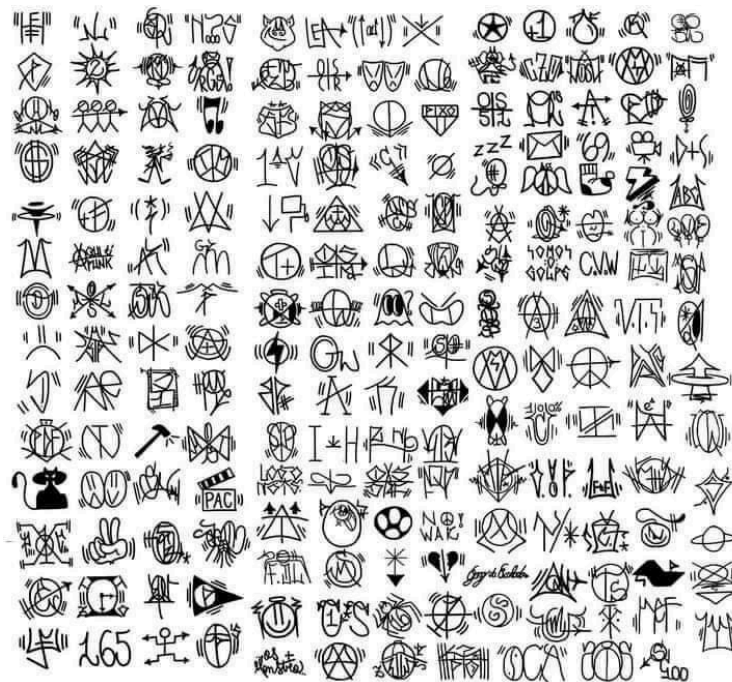
#### 5.4 REDES DE TERRITÓRIOS: GRIFES

Tem uns aliado que corre junto ae,  
nossa diretriz, nossa direção é humildade sem falsidade,  
prestigiando os manos que se foram que ja somou na grife,  
os que ta hoje em dia 18 anos na caminhada  
EXORCITY REI - Festa da grife Dead Kennedy 18 anos

Um dos elementos da pixação são as grifes, símbolos que representam união entre diferentes marcas, e que carregam dentro de si suas identidades territoriais (Figura 7). São verdadeiras redes de sociabilidade, congregando diversos grupos, possibilitando a expansão das relações de troca pela cidade (Pereira, 2010). Fazer parte de uma grife é fazer parte da totalidade de redes territoriais do movimento, e através das filiações e seus deslocamentos pelo espaço urbano que

se criam os circuitos da pixação, tendo a cidade como referência (Pereira, 2005). As grifes carregam a identidade dos bairros em que foram criados, mas têm a necessidade de se expandir para todas as localidades, de forma a interligar as “quebradas” a partir dos sujeitos que pertencem ao grupo.

Figura 7- Principais grifes da pixação.



Fonte: Página de *Tumblr* Nod. Disponível em: <https://www.tumblr.com/nod>  
 Legenda: Imagem com a ilustração dos símbolos das principais “grifes” de São Paulo.

REI do pixo EXORCITY é um dos fundadores de uma das maiores grifes Região Metropolitana de São Paulo, e hoje um dos “cabeças” (alguém que coordena o grupo, no sentido de recrutar membros, expulsar, impor e manter as normas, de forma que o símbolo seja feito da forma original), a grife “DEAD KENNEDY”. Nas palavras de REI: “A grife Dead Kennedy é uma união de turmas, afinidade de pessoas. Tem todas as zonas e todos os DDDs. É uma identidade do local. É de Pirituba, mesmo não sendo.” Como mostra o trecho, a união foi criada originalmente em Pirituba, bairro da periferia na região noroeste da cidade de São Paulo, no ano de 1997, e que ao longo das décadas pode se expandir para outras “quebradas”, zonas e inclusive outros municípios. REI diz ser uma “identidade do local”, pois cada membro entende ser originário do bairro de Pirituba, inclusive, é muito presente na paisagem do bairro e de outros próximos, quem nasce em Pirituba e se envolve com a pixação, muito provavelmente terá desejo de pertencer à união, pois irá

representar sua área, e o encaixa na rede de relações. Para fazer parte de uma, não basta ser da mesma área, é necessário estar presente nas paisagens com seus pixos, demonstrando atitude e humildade, e assim é possível receber o convite para fazer parte.

Na rede social *Instagram*, onde muitos pixadores estão presentes e que será retratado posteriormente no texto, podemos encontrar na página da grife DEAD KENNEDY um pequeno texto da história de sua fundação:

O ano era 1997, as gangs de pixação EXORCITY, FAMILIA12 e NOCALTES estavam reunidas a criaram uma união espelhada em uma banda punk da Califórnia com a mesma ideologia, combate ao autoritarismo e preconceitos... Desejando a queda de toda supremacia sistêmica que manipula a grande massa da população. Levando o mesmo símbolo da banda punk, em 1 ano a união criada pelas 3 gangs na zona oeste de São Paulo, se expandiu para a leste, norte e sul ganhando grandes proporções e notoriedade. O que começou como apenas uma união de 3 gangs, hoje é uma das maiores grifes de pixação de São Paulo. DEAD KENNEDY, Humildade sem falsidade.<sup>7</sup>

No trecho, é possível identificar alguns elementos fundamentais que permite que os grupos façam parte das uniões, no caso a ideologia. A grife é inspirada na banda Punk de Califórnia que possui o mesmo nome e o mesmo símbolo. A apropriação desses elementos se dá pela identificação que esses pixadores tiveram com os preceitos da banda, que no texto diz ser “o combate ao autoritarismo e preconceitos [...] queda de toda supremacia sistêmica que manipula a grande massa da população”, justamente pelos pixadores pertencerem a uma parcela da sociedade que sofre com essas problemáticas. Além disso, é importante pontuar que além do Hip Hop, o movimento tem suas bases também no Punk, onde não foi a primeira vez que os pixadores fizeram referência a bandas, pois muitas marcas foram feitas inspiradas em logos.

Ainda nesse sentido, o pixador BRN do pixo LOCURAS reflete também o papel da ideologia e da identificação territorial na formação e manutenção dessas uniões, onde para ele estar nas grifes é se encaixar pela ideologia, um fator importante para receber o convite para fazer parte da união. Partindo desse princípio, BRN ressalta a grife que ele faz parte, OS REGISTRADOS, e diz que a mesma acaba sendo uma identificação territorial da zona leste da cidade, expandindo também para outras zonas e municípios. No contexto do conflito entre as uniões OS REGISTRADOS e OS MAIS IMUNDOS, por conta da cadeia de

---

<sup>7</sup> Disponível na página do *instagram* Dead Kennedy: <https://www.instagram.com/p/DBKV6syxDJ3/>

relações entre as zonas permeadas pelas grifes, outras uniões acabaram se juntando, com cada uma dessas escolhendo um lado, formando então blocos de apoio, onde a DEAD KENNEDY estava junto a OS MAIS IMUNDOS (Pereira, 2005).

O conflito teve seu encerramento a partir de 2009, após intensos prejuízos de ambos os lados, resultando em mortes. Apesar de ter acabado a mais de dez anos, ainda ocorrem estranhamentos entre os membros de cada união, se traduzindo na recusa de membros de uma das duas grifes de fazer uma folha em que já tenha o símbolo do grupo rival, ou em evitar fazer “rolês” junto com pixadores de alguma união adversária, e se fazer, não pixar as grifes como forma de evitar maiores problemas, como ser retirado da união que faz parte. Como aponta ADZ do pixo MESTRES, nas cidades do interior, o conflito ainda ocorre, sendo presente na paisagem os atropelos. Na cidade de Presidente Prudente, no interior oeste paulista, existe em uma parede um OS MAIS IMUNDOS atropelado recentemente por um OS REGISTRADOS, e em conversa com integrantes da primeira grife, foi revelado desconhecerem membros de fato da união na região, mostrando um rompimento da rede de sociabilidade, e assim permitindo que a disputa continue sem que os “cabeças” interfiram (Figura 8).

Figura 8 - Atropelo de um OS REGISTRADOS em cima de um OS MAIS IMUNDOS em Presidente Prudente.



Fonte: Captura de tela do autor do site Google Maps.

Legenda: Imagem de uma parede amarela com uma sequência de de pixações na cor azul. Na parte inicial da parede é possível ver o desenho do formato de um morcego e dentro as letras “R” “G” “S”, referente a grife OS RGS. O desenho foi feito em cima de outra pixação da grife “OS MAIS IMUNDOS”, evidenciando o conflito ainda existente no interior paulista.

## 5.5 CULTURA DE RUA

Os mano  
As mina  
Skatista  
Ladrão  
União  
RZO- Pirituba II

A pixação pertence ao circuito da chamada cultura de rua, que abarca outras práticas, como hip hop com seus shows, festas e batalhas de rima, skateboard e demais movimentos (Figura 9). São culturas que dialogam com os integrantes do pixo pois são realizadas também por jovens de periferias, desse modo, cultura de rua seria um circuito maior, formada pelos circuitos menores, no caso a pixação, hip hop, skate e entre outros. Nesses três exemplos, os movimentos se aproximam também pela vestimenta parecida e pelo jeito de se portar, onde os sentidos de humildade, lealdade e proceder também estão presentes, o que os faz dialogarem entre si, até mesmo porque os circuitos se interligam, com pixadores que também são skatistas ou do hip hop. (Pereira, 2010)

Figura 9 - Agenda de pixos, com a frase “viva a cultura de rua”



Fonte: Página de *Instagram* PixoRaíz. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Co93\\_dJrAms/](https://www.instagram.com/p/Co93_dJrAms/) (2024)

Legenda: A imagem é uma foto em preto e branco de uma agenda de pixos, onde abaixo da sequência de pixações está escrito :“Viva a cultura das ruas!”.

A denominação “rua” como identidade dessa cultura tem uma concepção universal, no sentido de entendê-la como algo público, em contraposição ao que não é rua, o privado, fechado (Pereira, 2005). Nesse sentido, entendem a rua como espaço que mediante sua ocupação e apropriação pode ser livre, com a possibilidade da realização de suas atividades culturais. A apropriação da rua, principalmente nos espaços centrais, é a principal forma de territorialização das periferias, pois não apenas ocupam, mas exigem que seu caráter seja transformado, de forma que o público não se resume à contraposição com o privado, mas no sentido de se tornar popular.

## 6 OS TERRITÓRIOS E A RETERRITORIZAÇÃO

### 6.1 PIXO E A "QUEBRADA"

O mano me disse  
Que quando chegou aqui  
Tudo era mato e só se lembra de tiro ai  
Outro maluco disse que ainda é embaçado  
Quem não morreu  
Tá preso ou sossegado.  
Racionais Mc's- Periferia é periferia

Para esta parte da pesquisa, iremos refletir acerca do conceito de “quebrada”, termo fortemente presente nas relações entre os pixadores e que reflete o modo como os próprios praticantes entendem sobre suas áreas em contraposição ao centro da cidade, onde é nessa noção que se dá as bases das dinâmicas da pixação. O sentido de “quebrada” se relaciona com uma ideia de ruptura, uma quebra com o restante da cidade, por isso mesmo, “quebrada”. Pereira (2005; 2016) entende essa noção para os pixadores como um espaço particular de reconhecimento e pertencimento, que além de ser uma representação da periferia, é uma representação que os pixadores constroem deste espaço. Nesse sentido, Andrade (2019) reflete a “quebrada” como uma rede expansiva de conhecimento, relações e sensações particularizadas e Magnani acrescenta ser a “quebrada” como: “particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência” (Magnani, 1998, p. 115).

Ser de uma “quebrada” se torna um fator que cria e fortalece os elos entre os integrantes do movimento, pois é algo em comum a todos e que assim os praticantes passam a reconhecer um nos outros a possibilidade de traçar laços de sociabilidade (Pereira, 2005). Nesse sentido, Pereira afirma que:

Ser de alguma “quebrada” é um fator importante ali. Esse termo evoca uma identificação com o espaço da periferia, ou com a representação que estes jovens constroem deste espaço. A “quebrada” remete ao risco, à violência e à carência, mas também ao sentimento de pertencimento e às relações de solidariedade e companheirismo. (Pereira, 2010, p. 156)

Partindo desse princípio, reconhecer entre os outros o fato de morar em uma “quebrada” é algo que diminui a distância entre eles, de modo que deixa de ser

apenas uma referência espacial, e se torna um modo de proceder, tomando referências em comum (Pereira, 2010). O cotidiano nas periferias permite também que o sujeito tenha maior força para lidar com os riscos sociais e a própria noção de “quebrada” que eles possuem acaba tendo sentido de reverter o sinal negativo, de estigma ou carência, para sinal positivo, de afirmação, resistência e empoderamento (Pereira, 2013). A própria situação social das periferias é fator de incentivo ao ato, onde a pixadora ADZ do pixo MESTRES afirma que: “se as periferias fossem mais cuidadas, não precisava pixar”.

A identidade uns com os outros por serem de “quebradas” é algo que diminui a distância entre eles, propiciando o contato e as trocas, onde a periferia ultrapassa a noção de referência espacial e se torna um modo de agir e proceder. Assim, “quebrada” nesse circuito de relações acaba tendo duas concepções, uma um sentido universal, como uma representação da periferia a partir dos valores em comum, como todos os bairros periféricos entendidos como um território de referência a partir dos signos, onde mesmo que duas pessoas morem em bairros periféricos um distante do outro, se sentirão próximos. A segunda concepção se relaciona a uma noção particular de “quebrada”, como uma valorização do bairro em que mora, onde nas trocas de relações ser de alguma “quebrada” já cria elos, mas ser da mesma “quebrada”, do mesmo bairro, permite outros tipos de dinâmicas no local (Pereira, 2005).

Para o movimento, é fundamental que sua área de atuação ultrapasse o próprio bairro e alcance outros ou então o centro da cidade, e é assim que o pixador passa a fazer cada vez mais parte da rede de territórios. Se aventurar em outras áreas é carregar consigo a identidade territorial de seu bairro, onde a pixadora ADZ do pixo MESTRES comenta sobre ser de Diadema, município pertencente a Região Metropolitana de São Paulo, e que quando deixa suas marcas em outros espaços fora do seu de origem, está representando e trazendo orgulho para sua “quebrada”, remetendo a noção particular, onde seu pixo carrega tal identidade de seu território. Partindo dessa noção, ADZ afirma: “Eu tenho várias “quebradas”, represento todas.” Sua fala nos mostra que ADZ, por já ter morado ou ter tido uma relação forte com outros bairros, possui várias “quebradas”, e na sua atuação como pixadora representa todas elas, evidenciando e trazendo potência aos seus locais de origem, aumentando e fortalecendo o circuito. Esta dinâmica permite saber de qual bairro tal

pixador pertence, mesmo sem conhecer de fato o indivíduo, como pontua REI do pixo EXORCITY.

Figura 10- Agenda em lateral de prédio, com destaque para o pixo no topo do estabelecimento com a referência ao município de Franco da Rocha.



Fonte: Página de *Instagram* PixoRaiz. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Co93\\_dJrAms/](https://www.instagram.com/p/Co93_dJrAms/) (2024)

Legenda: Agenda de pixos na lateral de um prédio. Abaixo, no topo do edifício que dá acesso à lateral, está um pixo com a inscrição ao lado "Franco da Rocha". Por conta da dobra que a parede faz o "N" não fica visível.

A pixadora ADZ comenta uma dinâmica muito presente no movimento no trecho: "Vou lá na ZO (zona oeste) e pá. Você passou aqui na minha "quebrada", vou fazer na sua." BRN do pixo LOCURAS afirma, nesse sentido: "Fulano pixa na minha "quebrada", vou pixar na "quebrada" dele. Levantar o nome da "quebrada", ser referência". Nos mostra que sair de sua área para atuar em outras fortalece a rede, estabelece um ciclo, onde se um conhecido pixar em sua "quebrada", como forma de alargar os circuitos, é preciso chegar no bairro dele para pixar, como um movimento que evidencia as duas "quebradas", onde com os pixos, uma parte de uma fica em outra e vice-versa.

BRN cita sua “quebrada”, o bairro Parque Imperial, e comenta sobre os pixadores de sua área anteriores a ele, que por terem saído de lá para pixar os outros bairros, se tornaram referências do território, fazendo com que BRN também queira ser uma, por isso a necessidade de sair de suas áreas. Ser referência de sua “quebrada”, zona ou município pertencente a RMSP é o que permite trazer evidência a esses bairros, personificada nesses indivíduos que cruzam toda a cidade carregando os signos de sua área, dando bases para as redes de territórios. Continuando, a periferia é um território que lhes fornece identidades, normas de comportamento, valores, redes de sociabilidades. A relação que os pixadores possuem com o espaço é forte, e carregam seus signos por todo o circuito estabelecido pelo movimento, compartilhando com os signos de indivíduos de outras localidades (Pereira, 2005).

## 6.2 PIXO E O CENTRO

Nós aqui  
Vocês lá  
Cada um no seu lugar, entendeu?  
Se a vida é assim, tem culpa eu?  
Racionais Mc's - Da ponte pra cá

Uma das principais localidades que os pixadores escolhem como alvo é a região central da cidade de São Paulo. O centro, nas palavras de REI do EXORCITY, é o local de acesso a todas as "quebradas", é onde fica perto para todos os bairros periféricos, e onde os pixadores se reúnem, e conclui: “é um ponto de referência para as "quebradas" e para o interior”. A região central é o local que todos os bairros da periferia se encruzilham, é um ponto de encontro em comum para essas localidades. Nesse sentido, fazer suas marcas no centro permite alcançar maior número de pessoas, e de representar sua "quebrada" para as outras, onde ADZ do pixo MESTRES conclui que “se eu fizer meu pixo no centro, vou ser vista, a região permite novas experiências e é lá que estão as oportunidades.” Para as dinâmicas do movimento, o centro é um lugar estratégico, passam pixadores de todos os lugares (Pereira, 2010), onde Magnani conclui que os praticantes preferem

essa localidade pois dá “mais ibope”. “Ibope” na pixação é entendido como a fama do pixador no seu círculo. (Magnani, 2006)

Pixar no centro da cidade, além do “ibope” que é gerado, possui também contornos de reivindicação desse espaço, onde os pixadores não querem se relacionar com a cidade apenas em seus espaços de periferia, mas em sua totalidade, reivindicando um acesso a cidade, buscando romper com o lugar do Outro. É na ocupação do centro que existe a possibilidade de se reterritorializar, de participar da construção de seu enunciado. Apesar de ter sido palco de intensas transformações e de ser o local principal em que o capitalismo se territorializa, o centro sofre com um abandono, um esvaziamento de seu sentido, se tornando um local que gera medo para a população. (Altamirano, 2018)

Os pixadores notam esse abandono, e reagem a partir da reivindicação desse local, que se difere de seus bairros de origem pela facilidade de acesso e plenitude de infraestruturas, a fim de construir novos sentidos e usos a partir de suas narrativas. Nesse sentido, Altamirano questiona: “ em um espaço abandonado, esvaziado de usos por uma parte da população, não é natural que exista um processo de apropriação e ressignificação por parte de outros sujeitos que encontram sentido no uso desse território?” (Altamirano, 2018, p. 264).

A pixadora ADZ do MESTRES comenta sobre o centro ser “nosso”, refletindo sobre a região não ser mais elitizada, pois existem inúmeras ocupações para moradias que revelam um caráter popular da área. As ocupações dos movimentos por moradia alteram as dinâmicas no local, onde antes eram edifícios nobres, que marcavam a exclusão e segregação, hoje são locais que abrigam inúmeras famílias, com origens nas periferias de São Paulo, mas também de outros estados do país. A pixação dialoga muito bem com esses espaços, muitos pixos feitos com utilização de rapel nesses edifícios só foram possíveis com a aliança desses movimentos, onde o movimento por moradia encontrou nos pixadores uma forma de evidenciar suas lutas pelas inscrições que cobrem toda a totalidade do edifício.

Figura 11 - Agenda de pixos feitos de rapel, no prédio do antigo Cine Marrocos, no centro de São Paulo, prédio ocupado pelo movimento por moradias MSTs.



Fonte: Página de *Instagram* do Pixador BRN LOCURAS, disponível em: [https://www.instagram.com/p/CvLH9Uyuq7L/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CvLH9Uyuq7L/?img_index=2)

Legenda: Agenda de pixações feitas de rapel, cobrindo toda a vertical do prédio do antigo Cine Marrocos. Em um dos pixos está escrito MTST e abaixo "+ (mais) moradia".

BRN do pixo LOCURAS reflete a questão do centro como um espaço territorial livre, onde “nossas ideias são melhor colocadas”. O pixador reflete acerca dos diferentes territórios que existem na região, como o território do crack, o território das populações LGBTQIAPN+, o território dos pixadores, entre outros. Nesse sentido, BRN entende o centro como onde os territórios dos grupos excluídos pela sociedade se relacionam, com diferentes grupos culturais e movimentos compartilhando o mesmo espaço, e conclui que as discriminações de um território com o outro é passível de gerar conflitos, pois estão todos reivindicando o mesmo espaço a partir de suas próprias vivências.

### 6.3 “POINT” E FESTAS

Como se fosse legenda de lendas  
No point tem mais amizades que contendias  
Pra uns uma crença, pra outros uma ofensa,  
Mas pixar é Humano, vagabundo, não se esqueça

Grilo 13 - Pixar é humano

O principal ponto de encontro dos pixadores são os chamados “points”, que podem ser localizados tanto no centro como também, em menor escala, nos bairros periféricos, como “points” regionais. Entretanto, são os “points” centrais que se destacam, pois como foi já debatido na pesquisa, é no centro que as “quebradas” se confluem, e é este espaço de confluência e troca que são os “points”. ADZ do MESTRES entende esses espaços como locais de acolhimento, onde afirma ser um lugar que vem pessoas de todos os cantos, podendo encontrar “todo mundo”, fazendo referência a diversidade de “quebradas” representado pelas pessoas. E conclui dando relevância a necessidade de trazer outras “quebradas” para conhecer, buscando expandir o circuito, que BRN do LOCURAS diz ser um meio de divulgação de seus pixos e seus bairros.

Os “points” são os principais locais que se organizam os rolês, onde um pixador de uma “quebrada”, conhecendo outros integrantes do movimento e os reconhecendo a partir de suas marcas nas folhinhas, combinam então de fazer seus rolês no bairro um do outro, expandindo a rede de relações, principalmente se nestas ocasiões houver a integração ou criação de grifes. Em relação as folhinhas, é um dos primeiros contatos que os pixadores fazem quando conhecem alguém do movimento, onde inicialmente se pergunta “o que você lança?”, e posteriormente alguém puxa uma folha do caderno, dobra para que os espaços sejam iguais, e ambos fazem suas marcas, como uma forma de registrar e cristalizar o momento, de mostrar para seus amigos que fez uma folha com um pixador referência, e assim guardando em um acervo pessoal (Pereira, 2005).

Figura 12 - Folhinha dos pixadores, adquirida em “point”.



Fonte: Do autor.

Legenda: Foto de uma folha de caderno com seis diferentes pixos, adquirido em um “point” da pixação.

Nesses espaços, ser de uma “quebrada” é um elemento que os une, que os torna de alguma forma iguais (Pereira, 2005), onde Magnani (2000, p. 39) afirma que em um “point”: “Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas”. Nesse sentido, marcado pela identidade dos pixadores, suas relações, estéticas, atividades, que fazem parte de um estilo desenvolvido nas periferias da cidade. Reconhecer um pixador se dá a partir desses determinados símbolos e códigos de pertencimento, e a partir das relações entre eles nesses espaços, conhecendo pessoas de diversas localidades que se inicia ou se fortalece uma rede de sociabilidade (Pereira, 2005), mas que também deve ser entendida como uma rede de territórios.

Na rua 24 de maio, atrás da Galeria do Rock e próximo a estação de Metrô República, existia um “point” de pixadores que durou do início dos anos 2000 até 2022. Sendo um local que abarcava diversas formas de expressões culturais além do pixo, como batalhas de rima, acabou sendo um território de lazer no centro da cidade para as pessoas que vinham da periferia. Seu fim se deu com a instalação de uma Delegacia de Polícia na esquina da rua que se localizava o “point”, que prontamente passou a expulsar os sujeitos e suas manifestações culturais do local, que encontraram no Vale do Anhangabaú um espaço para recriar

o “point” e realizar suas atividades culturais, o que evidencia a disputa e o conflito pelo território. A vinda da polícia para acabar com o “point” remete ao que o REI do EXORCITY afirma, que a especulação imobiliária quer acabar com os “points” centrais, pois fortalece os círculos da pixação, unem pessoas das periferias em áreas que o estado buscava ser da elite, garante um direito a cidade que a classe dominante ocultou, de modo geral, cria entraves para a livre circulação do capital na construção da cidade.

Para um determinado local de tornar-se um “point”, deve ser uma área de intensas relações permeadas pela chamada “cultura de rua”, onde já sejam espaços ocupados pelos sujeitos periféricos, por serem “não-lugares”, praças ou vias construídas em proximidades de estações de metrô ou trem que acabam não tendo uma função clara definida, servindo então como suporte para ocupações de movimentos culturais das periferias (Altamirano, 2018). Os principais “points” de pixadores dever ser localizados no centro da cidade, e acabam tendo um caráter centrípeto, atraindo diversos sujeitos de inúmeras e diferentes periferias da cidade e da região metropolitana, e centrífugo, dispersando esses sujeitos para outras “quebradas”, na intenção de expandir o ciclo de relações (Pereira, 2005).

Nos “points”, se divulgam também as festas da pixação, que são realizadas em sua maioria por aniversários de grifes, mas também ocorrem em aniversários de pixos, de algum integrante, ou para comemorar as amizades adquiridas nas atividades do pixo. Diferente dos “points”, as festas são realizadas nas “quebradas” de origem dos sujeitos ou marcas aniversariantes, ressaltando o caráter centrífugo dos “points”, pois a partir das festas o pixador expande ainda mais sua cadeia de relações, fortalecendo a rede (Pereira, 2005). Essas festas são feitas de forma coletivas, com todos os integrantes contribuindo de alguma forma, e os convites (Figura 13 e Figura 14) possuem alguns elementos básicos, no caso, além das informações do local e data, contém os pixos integrantes ou parceiros da festa, os pixos que estão em apoio, uma parte em homenagem aos já falecidos, e algum desenho que dialogue de alguma forma com os signos da pixação e da cultura de rua.

Figura 13 - Convite de festa de aniversário de 22 anos da grife “dead kennedy”



Fonte: Do autor. (2019)

Legenda: A imagem é um convite de uma festa da grife DEAD KENNEDY. No centro está o desenho do personagem Coringa, gargalhando e vestindo uma camisa de força, e ao fundo um asilo. Acima dele está a logo da grife e o ano que está fazendo o aniversário, 22. Na parte direita está o endereço do local da festa e na esquerda está outro símbolo e a data.

Figura 14 - Folha dos integrantes da grife, o convite não continha apoiadores pois era fechada para quem era “dead kennedy”



Fonte: Do autor. (2019)

Legenda: A imagem é o verso da anterior, onde está apresentado todos os pixos que fazem parte da união, e embaixo estão as referências aos pixadores já falecidos.

#### 6.4 RETERRITORIALIZAÇÃO

A discussão aqui, mediante a explanação da pixação e como esse movimento ocupa o centro da cidade, é entender os sentidos que o território se constrói nessas relações, e como o conceito permeia as dinâmicas dessa forma de expressão. A escala metropolitana da cidade é o que dialeticamente cria as dinâmicas da pixação paulistana, a partir das formas de segregação impostas aos sujeitos periféricos, as relações que esses espaços têm com o centro da cidade, as brutais desigualdades existentes e a exclusão na construção simbólica das pessoas pretas, pardas e pessoas pobres na cidade (Pereira, 2013).

Nesse sentido, os circuitos que os pixadores fazem em relação a cidade, com seus pontos de encontro nas áreas centrais segregadas, alargando seus círculos a partir das festas, e marcando intensamente a paisagem paulista, e mais especificamente, a paisagem central, a partir dos prédios e monumentos históricos, são formas de territorialização das periferias paulistas no centro, região segregadora e destinada ao circuito do capital (Andrade, 2019; Pereira, 2010). Dessa forma, “ao

se encontrarem no centro da cidade, de uma certa maneira, eles estão reconstituindo em outros espaços este território da periferia.” (Pereira, 2005, p. 66).

Ao se depararem com um espaço excludente, segregado, anti popular, colonial e elitista, os pixadores se reterritorializam, que significa também uma nova produção do espaço. Nesse sentido, constroem e controlam seus próprios fluxos, criam suas próprias redes de territórios e de sociabilidade, que são intrínsecas uma à outra, e criam seus próprios referenciais simbólicos no espaço. São essas referências, simbólicas culturais, que entendemos ser as pixações e suas demais dinâmicas, que de fato permitem se territorializar (Haesbaert, 2004). Aquilo que enfatiza tais questões, as territorialidades, são identificadas também no movimento como as normas de conduta, que prezam pela humildade, lealdade, e proceder, os riscos, que transferem das "quebradas" para suas atividades na pixação, e a memória, que é reivindicada e mantida através dos dispositivos próprios da pixação, como as pastas de folhinhas, ou pelos pixos que acabam sobrevivendo décadas na paisagem.

O próprio pixo e as grifes são fatores que simbolizam essa união entre os sujeitos e seus territórios. Podem ser entendidas como redes de sociabilidade (Turra Neto, 2009), ou então, entendendo essas marcas como uma cristalização dos valores de seus territórios periféricos, como uma encruzilhada de realidades e cotidianos marcados pela relação com um espaço precário, são analisadas também a como redes de territórios. Partindo desse princípio, concordamos com Pereira (2005) que não considera os pixadores desterritorializados, que na concepção de Haesbaert, é marcado pelo desenraizamento e pelo enfraquecimento das identidades regionais (Haesbaert, 2003). Como apontado pelo autor, a desterritorialização é um mito, pois o que ocorre é uma reterritorialização, onde em realidade as identidades regionais se fortalecem, passam a ser o fator principal para resistir em outros territórios. (Haesbaert, 2004)

A conquista do território então faz com que se estabeleça um espaço de referência para a construção, ou reconstrução, dessas identidades, criando mediações de poder sobre a reprodução enquanto grupos (Haesbaert, 2004), que na pixação se traduzem pelas formas de expansão do círculo e pelos seus trajetos na cidade, e pela ocupação do centro, em seu sentido simbólico-cultural. É a construção de um território de resistência, e é a partir dele que existe a possibilidade de renegociar a cidade, partindo de suas experiências de exclusão socioterritorial,

que passam a ser uma forma de construir novas identidades e assim, novas formas territoriais. (Turra Neto, 2009)

A territorialização passa pela construção de lugares, intermediários entre o espaço e o território. (Turra Neto, 2015) O lugar pode ser entendido a partir de uma série de relações sociais, que se entrelaçam num locus particular, um ponto de encontro, que se traduzem como momentos articulados e rede de relações e entendimentos sociais (Massey, 2000). Na pixação, o lugar são os “points” centrais, pois é o que marca a totalidade das relações, o que complementa o círculo das periferias e sua ocupação no centro, um espaço que possibilita que o ciclo se mantenha e se fortaleça. Dialogando com Turra Neto (2009), os “points” e sua relação com as “quebradas” são os circuitos da pixação, a rede de lugares, e a cena como a rede de sociabilidades, o encontro em si, e que ambas articuladas geram as redes de territórios.

Pereira (2005) reflete sobre o caráter dos pixadores sobre o território, que ele pontua: “Menos do que desterritorializados talvez os pixadores estejam multiterritorializados ou hiperterritorializados.” (Pereira, 2005, p. 66). Discordamos parcialmente do autor quando a ideia que ele traz de multiterritorializados sobre os pixadores, entendendo que o conceito reflete uma conexão entre os territórios marcado pelo ciberespaço, e que sua tese foi feita em uma época inicial de apreensão da internet para os pixadores, impedindo de refletir com maior clareza o caráter multiterritorial do movimento, que é na atualidade que ocorrem grandes participações dos praticantes nas redes sociais permitindo alcançar outros territórios e outras dinâmicas do movimento, como será debatido a seguir.

## 7 PIXAÇÃO NA INTERNET E AS MULTITERRITORIALIDADES

Celular  
Na mão do zé povinho  
Virou uma arma  
Sabotage - No Brooklin

Como foi bem discutido, a pixação na metrópole paulista é uma complexa cadeia de relações, que em seus circuitos pela cidade constroem verdadeiras redes entre os territórios e seus indivíduos, que se encontram no centro da cidade para fortalecer e ampliar os elos e assim o próprio movimento. Tais formas de relações são entendidas por Pereira (2016) como uma rede social offline, e por esse caráter, a pixação dialoga muito bem com a internet, onde com a sua democratização, a rede social offline foi alargada, levando a novas formas de relações, territorializações e constituição de lugares no próprio ciberespaço.

Importante fazer um prévio debate sobre a era atual que vivemos, a era da informação, marcado pela atualidade do meio técnico-científico-informacional. No contemporâneo, principalmente a partir do final da segunda guerra mundial e, mais especificamente nos países do terceiro mundo, ao final dos anos 70, o uso do computador passa a transformar as relações humanas e das sociedades, unificando os processos produtivos e os tempos. Nesse sentido, Milton Santos afirma: “Graças, exatamente, à construção técnica e social desse tempo real é que vivemos uma instantaneidade percebida, uma simultaneidade dos instantes, uma convergência dos momentos.” (Santos, 1996, p. 121).

A simultaneidade dos instantes e a convergência dos momentos, e ligados pela capacidade de informações rápidas de diferentes cantos do globo, dialoga com o que Rogério Haesbaert (2003; 2004) define como multiterritorialidade, como uma marca da contemporaneidade, que permite uma ampliação das territorializações em redes, possibilitando o acesso ou conexão a diversos territórios a partir do virtual, sem deslocamentos físicos, realizando seus circuitos através do ciberespaço. Tal contexto acaba servindo como um interessante suporte a pixação, principalmente no sentido da cultura da visibilidade, já uma premissa do movimento,

que vê na internet uma forma de ampliação desse sentido, principalmente a territórios mais distantes, como outros estados e até mesmo países. (Pereira, 2016).

Isso se dá principalmente a partir das redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*, que potencializam dois fatores centrais da pixação, a sociabilidade e a memória. Pereira (2016) entende o ciberespaço como também um campo de participação e interação, que no movimento funciona a partir de grupos e perfis nessas redes que passam a compartilhar as informações e acontecimentos, a repercutir seus atos, construir outros elos (Altamirano, 2018). O Pixador BRN do LOCURAS reflete sobre a internet ser mais fácil para criar as conexões, e aponta que anteriormente os “points” eram os meios exclusivos de comunicação, e que hoje em dia são os grupos nas redes sociais que cumprem essa função, principalmente *Whatsapp*. (Figura 15 e Figura 16)

Figura 15- Grupos de pixação no *Whatsapp*.



Fonte: Do autor. Nome e foto borradas pelo autor para preservação de imagem. (2024)  
Legenda: Captura de tela do aplicativo *Whatsapp*, mostrando três grupo de pixação, o primeiro “SELVAGENS”, o segundo: “018 pixo” e o terceiro “DEAD KENNEDY”

Figura 16- Interação de pixadores em grupo de *Whatsapp*, na mesma dinâmica de um “point”.

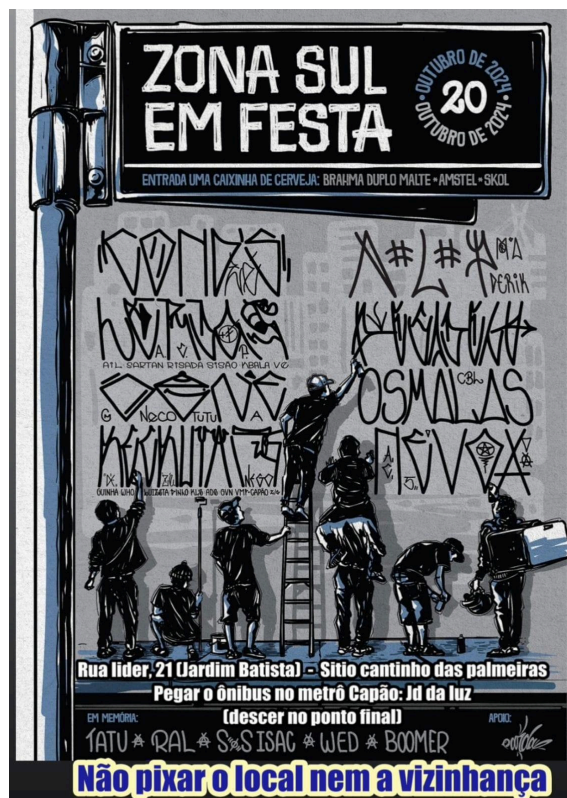


Fonte: Do autor. Nome e foto borradas pelo autor para preservação de imagem. (2024)  
Legenda: Captura de tela de *Whatsapp*, onde o pixador 1 manda a foto com uma agenda de pixos, onde o pixador 2 pergunta “Vc (você) faz o que man (Mano)?”, que é respondido pelo pixador 1 falando “Caos mano”. O pixador 2 diz “Pdpp (pode pá) agr (agora) eu vi ali daora em, pesado seu rolê”. Em seguida o pixador 1 diz “Tmj (estamos juntos), vc (você) faz o que?” e finaliza com o pixador 2 dizendo: “Aqui em Prudente colou o ANTSAPÓS outra vez, faço SVS SELVAGENS”.

As redes sociais acabaram servindo como suporte também para a divulgação de festas, inauguração de “point” e compartilhamento de notícias. No caso dos convites para festas, passaram a ser cada vez mais feitos em artes digitais, sendo compartilhados nos grupos de *Facebook* de “Points”. O convite da Figura 17 se destaca por alguns elementos como os pixos que compõem a organização, a referência a zona sul como um elemento geral, a referência aos pixadores já falecidos. Todos esses são elementos comuns a convites de pixos, sendo a diferença o fato de esse ter feito com desenhos digitais, onde para esses eventos o

mais comum são desenhos feitos a mão. Chama a atenção o desenho dos personagens remeterem a um aspecto de união e de apresentar um motoboy, profissão comum a muitos pixadores.

Figura 17- Convite de festa de pixação postado por um pixador no grupo de Facebook “Point do centro”.



Fonte: Grupo de Facebook “Point do centro”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/154662884957147> (2024)

Legenda: Convite de festa de pixação feita em arte digital. Acima está escrito “Zona sul em festa”, e ao lado a data do evento. Abaixo está uma agenda de pixos, com desenhos de pessoas pixando, utilizando escadas, rolos extensores, se apoiando em outro, e até mesmo um motoboy ao canto. Abaixo está o endereço do local, os pixos de pessoas falecidas e o informe de que não é para pixar no local e nem na vizinhança.

Figura 18- Postagem de pixador em grupo de *Facebook* “point do centro” divulgando a festa de uma grife chamada “Os vira latas de raça”



Fonte: Grupo de *Facebook* “Point do centro”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/154662884957147> (2024)

Legenda: A imagem é um desenho digital, onde no centro vemos uma série de cachorros raivosos e uma lata de tinta spray soltando tinta laranja. Na parte de cima temos o endereço da festa e na parte inferior o informe sobre o evento.

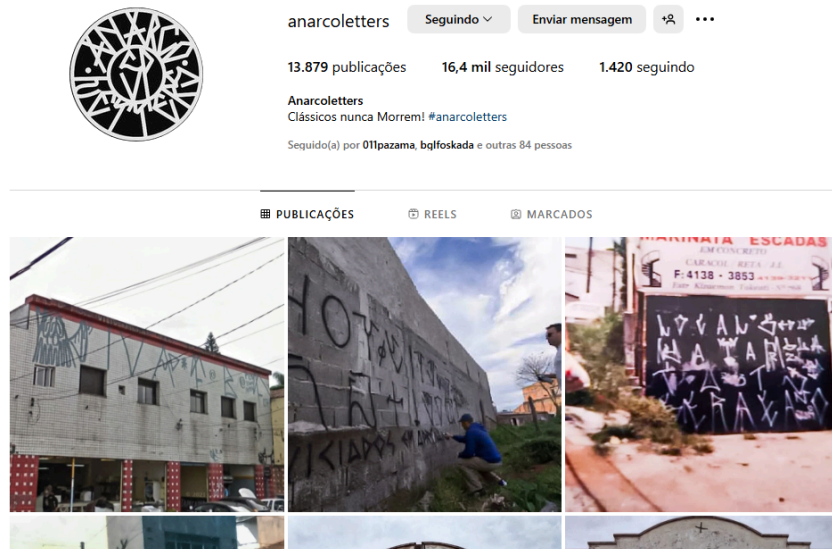
A internet na pixação permite também outras formas de manutenção da memória coletiva do movimento, sendo através de páginas e perfis nessas redes que passam a servir como verdadeiros arquivos públicos da memória do movimento, como as páginas Pixo Raiz, Anarco Letters, Beside Colors<sup>8</sup>, São Paulo Show<sup>9</sup>, divulgando pixos antigos vistos apenas para quem estava nas ruas na época ou quem tinha acesso ao registro, o que permite maior ampliação não só da história do movimento, mas da manutenção para as novas gerações, que passam a refletir mais a sua participação na cidade. Além disso, o que anteriormente ficava exclusivo a mídia e a poucos que tinham máquinas fotográficas o registro e a divulgação de pixações, passa a ser pautado a si mesmo, pelos próprios sujeitos pixadores, que a

<sup>8</sup> Para acesso em: <https://www.instagram.com/besidecolors/>

<sup>9</sup> Para acesso em: [https://www.instagram.com/sao\\_paulo\\_show/](https://www.instagram.com/sao_paulo_show/)

partir desses compartilhamentos, conseguem chegar a outros territórios ao redor de todo o globo (Altamirano, 2018).

Figura 19 - Página de *Instagram* “Anarcoletters”.



Fonte: Página de *Instagram* Anarco Letters. Disponível em: <https://www.instagram.com/anarcoletters/> (2024)

Legenda: Captura de tela do *Instagram* da página Anarco Letters, mostrando imagens de pixações antigas.

Figura 20 - Página de *Instagram* “Pixo Raíz”.



Fonte: Página de *Instagram* Pixo Raiz. Disponível em: <https://www.instagram.com/pixoraiz/> (2024)

Legenda: Captura de tela do *Instagram* da página Pixo Raiz, mostrando imagens de pixações antigas.

A pixação no ciberespaço gerou um fenômeno interessante, que é a exportação desse movimento para outros países, principalmente na Europa. Isso se dá não apenas pela internet, pois alguns pixadores já tiveram a oportunidade de expor trabalhos em Berlim, na Alemanha, ou em Portugal, país que recebe muitos imigrantes brasileiros e muitos que vão também são pixadores. A internet fez com que os estrangeiros ao virem as marcações de brasileiros em locais de difícil acesso e com um estilo caligráfico único, procurassem na internet mais sobre esse movimento, e assim incorporando-o em suas identidades. O pixador SAMOUTH, do pixo RAPA, em entrevista a dissertação do geógrafo Igor Albuquerque descreve um pouco dessa dinâmica, onde ao chegar em Berlim se depara com um graffiti em uma lateral de um prédio com um estilo que se assemelhava ao pixo, e compreende que os locais estão tendo a referência no movimento brasileiro, e conclui que quando o pixador GDS do pixo OSCURURU foi para Alemanha pixar com os nativos da cidade, as conexões foram de fato estabelecidas (Albuquerque, 2020).

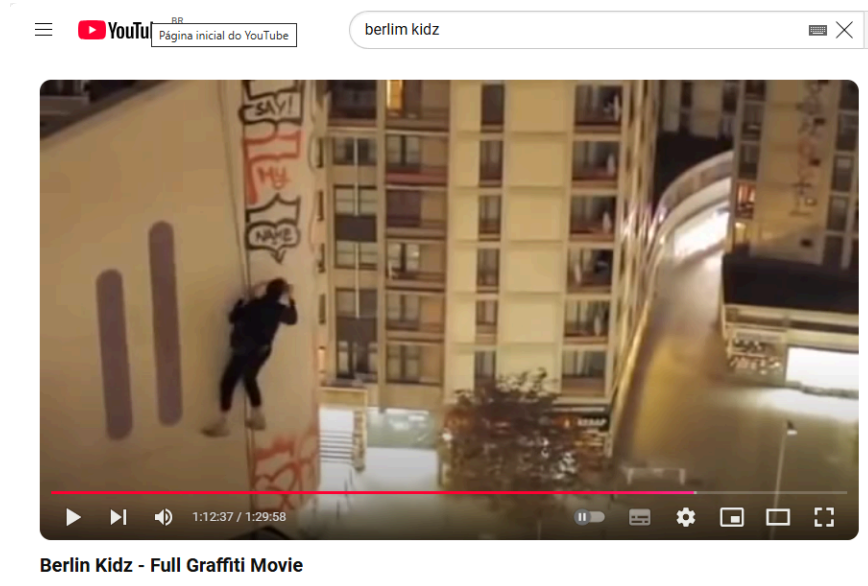
Nesse sentido, a pixação quando é praticada por estrangeiros em seus países de origem acontece por dois movimentos, pela ida de pixadores nesses países que se territorializam com seus pixos nesses locais, e pela internet que permite que aqueles que vejam as inscrições possam buscar aprender, e ao encontrar os materiais audio-visuais do movimento, como os filmes 100comedia<sup>10</sup> e Pixação<sup>11</sup>, disponíveis no *Youtube*, começam a reproduzir as práticas, atraídos pela adrenalina, estética, transgressão, o que REI do pixo EXORCITY comenta que “nossa letra é única, a galera de fora pega referência”. Um grande exemplo são os materiais audiovisuais do grupo “Berlim Kidz”, um grupo de pixadores alemães de Berlim, que registraram seus feitos ao mesmo modo que os brasileiros fazem, e disponibilizando também na internet, mostrando suas arriscadas pixações feitas de rapel em altos prédios (Figura 21).

---

<sup>10</sup> Os filmes 100comedia estão disponíveis no *Youtube*:  
<https://www.youtube.com/watch?v=WXLazKIKzq4>

<sup>11</sup> No canal Pixação do *Youtube* estão disponibilizados os filmes:  
<https://www.youtube.com/@pixoacaosp-brasil8960>

Figura 21 - Material áudio visual dos pixadores alemães chamado “Berlin Kidz”



Fonte: Captura de tela do autor, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=oTl3la3DnKI&t=1572s> (2024)

Legenda: Captura de tela de vídeo do *Youtube* com imagens de pixadores de Berlim, na Alemanha, pixando um prédio de forma vertical utilizando rapel.

Um ponto fundamental a refletir acerca do exposto é que esse duplo movimento de territorialização da pixação em outros países acontece em maior parte nos países altamente globalizados, como Estados Unidos, Alemanha, Portugal, dentre outros<sup>12</sup>. Apesar da dinâmica acontecerem também em países periféricos, é em menor escala, o que nos leva ao que Haesbaert (2004) aponta sobre o que define e permite também as multiterritorializações são as condições socioeconômicas, e que o acesso as técnicas são também desiguais (Santos, 1996), o que impede esse duplo movimento nos países fora do centro da globalização, como na América Latina, que pela distância é possível o primeiro movimento, de chegar pixadores brasileiros em outros países para pixar, mas que não estabelece um circuito pela não correspondência nesses países, e como na África, onde mesmo o primeiro movimento já não ocorre, pois dificilmente pixadores chegam ao continente, por questões econômicas e distância.

Um ponto a debater é: como os pixadores encararam a pixação na internet, principalmente os mais velhos, que acompanharam o movimento desde seu início, onde não havia internet? A opinião dentro do movimento possui divergências, a pixação no ciberespaço tem o poder de construir novas formas de

<sup>12</sup> Até o início da pesquisa havia uma página do *Instagram* que divulgava as pixações de brasileiros em outros países, chamada “Pixo na Gringa”, e que atualmente se encontra fora do ar.

relações entre os indivíduos e territórios, ao mesmo tempo que pode artificializar as já existentes, e até mesmo gerar uma espécie de apropriação por parte das grandes marcas de moda.

Primeiramente debateremos os aspectos que os pixadores consideram ruins sobre o pixo no ciberespaço, onde de início podemos apontar os aspectos relacionados à visibilidade do pixador. Anteriormente à ascensão da internet, o pixador para ter reconhecimento dentro do movimento era necessário demonstrar atitude e ter suas marcas presentes em muitas paisagens da cidade, de ir aos “points” centrais, participar das festas e confraternizações, era necessário viver a pixação. Na atualidade a lógica permanece, mas a internet, com o poder de visibilidade muito maior, pode legitimar pixadores que não são realmente ativos, mas que possuem muitos seguidores e curtidas em suas postagens. No perfil de *Facebook* do pixador VBN do pixo SKM, o mesmo demonstra sua opinião em relação a essa situação (Figura 22).

Figura 22 -Postagem em perfil de pixador criticando a visibilidade que a internet pode trazer aos pixadores.



Fonte: Captura de tela da página de *Facebook* do pixador VBN do SKM, disponível em:

<https://www.facebook.com/skate.pirituba> (2024)

Legenda: Captura de tela de publicação em *Facebook*, dizendo: “Movimento da pixação acabou quando comédia virou monstão por causa de rede social...podcasts e *Instagram* exaltando novatos...vai lá assistir pizza com grafite e ficar babando ovo de cara que se acha deus porque fez meia dúzia de lameiros por aí... é o fim de um movimento que já foi conceituado e hoje é puro status de celular.”

Na postagem, o pixador comenta sobre o Podcast “Pizza com Grafite”, um canal de podcast no *Youtube* que entrevista pixadores e grafiteiros<sup>13</sup>, onde na publicação VBN critica que os mesmo entrevistam novatos que pouco atuaram no movimento, mostrando uma ambiguidade no sentido da visibilidade para pixadores, o que reflete questões geracionais do movimento, onde os mais velhos possuem essa opinião pois quando começaram esse era o único meio de promoverem suas marcas, e por isso consideram mais legítimas, algo que as gerações mais novas divergem, pois iniciaram suas atividades na ascensão da internet. A crítica se baseia em dois sentidos de visibilidade, a da rua e a do ciberespaço, o que antigamente era apenas o primeiro aspecto, e que com a ascensão das redes sociais a segunda passou a valer. REI do EXORCITY comenta a situação, afirmando que anteriormente não tinha esse fácil acesso a visibilidade igual existe hoje pela internet, e aponta que antes era quem pixava nas ruas principais, o que para BRN do pixo LOCURAS, não importa a visibilidade que um pixo tem nas redes sociais, pois o que promove o reconhecimento de sua marca é ele estar na rua.

Outro aspecto que os integrantes do movimento entendem como negativos é no sentido da apropriação que as grandes marcas passaram a fazer da estética, como a coleção Nike True Colors da seleção brasileira de 2010 (Figura 23), e a marca Cavaleira, na Fashion Forward de 2013 (Figura 24) (Altamirano, 2018; Nascimento, 2012), o que BRN do LOCURAS aponta que se os pixadores não estão envolvidos, então já está errado, que é uma apropriação estética, pois quem vai passar a consumir e lucrar com os produtos não passaram pelos riscos que os praticantes passam, onde essas grandes marcas aproveitam de uma originalidade conquistada pelo movimento para absorver e transformar em mercadorias. BRN afirma que o capitalismo capta tudo, e questiona “nós pixadores estamos articulados para isso?” Nesse sentido, REI do EXORCITY comenta que as multinacionais estão se aproveitando da estética, e que o caminho é os pixadores fazerem suas próprias marcas de roupas, com seus pixos, o que dialoga com o que BRN comenta sobre camisetas com o pixo do DI, que em suas palavras: “é a referência de um legado enorme, se a gente compra a camiseta desses manos, é pela referência que eles são, pela caminhada dos caras, temos orgulho”

---

<sup>13</sup> Canal no Youtube Pizza com Graffiti, disponível em: <https://www.youtube.com/@pizzacomgraffiti/videos>

Figura 23 - Estampa da coleção Nike True Colors da Seleção Brasileira de 2013 com referência na pixação.



Fonte: Captura de tela do autor, disponível em: <https://vamosdetenis.blogspot.com/2010/03/colecao-nike-true-colors.html> (2024)  
Legenda: Imagens de blusas da seleção brasileira, da marca Nike, utilizando fonte que remete a pixação para escrever “Brasil”.

Figura 24- Estampas de pixação em roupa da marca Cavallera, em desfile de moda na Fashion Forward de 2013.

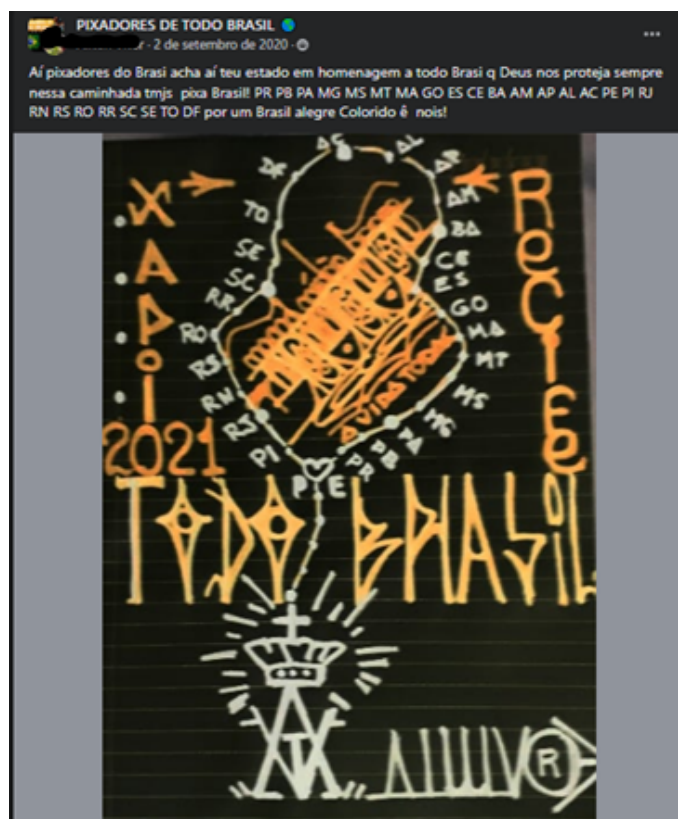


Fonte: Captura de tela do autor, disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/spfw/verao-2014-rtw/cavallera/cavallera-3/?i=3> (2024)  
Legenda: A imagem apresenta uma mulher negra desfilando, utilizando uma roupa que usa fotos recortadas de pixações, de forma colorida.

Em relação aos aspectos positivos que a vinda da internet na pixação causou, os pixadores apontam sobre a expansão dos circuitos próprios do movimento nas redes sociais. ADZ do pixo MESTRES afirma que a internet é o que interliga tudo atualmente, onde hoje todos os pixos sabem da existência um do outro, se estiverem na internet, o que evita a criação de pixos com o mesmo nome, pois existe maior facilidade para saber as pixações que já existem, algo que REI do EXORCITY também comenta, e afirma que por esse fator, existiam mais conflitos entre pixadores. Nesse sentido, BRN reflete que nos anos 90, as filosofias nas "quebradas" eram diferentes, existiam mais rivalidades, mas que com o avanço da internet, a partir de 2006, o "telefone sem fio" deixou de estar presente, em outras palavras, a facilidade de comunicação permitiu que os assuntos sejam resolvidos sem interferências de terceiros e com clareza, evitando conflitos.

É pela internet também que os pixadores conseguem se territorializar em outros municípios, estados e países sem o pixador de fato ter chegado nesses lugares, algo que ADZ do MESTRES comenta, onde foi reconhecida por uma graffiteira do estado do Acre, no norte do país, e comenta o fato só foi possível pela representatividade que a mesma carrega, transpondo através de suas redes sociais, que alargam os alcances, o que REI do EXORCITY reflete, sobre a internet abrir mais portas, expandindo a informação, dialogando com o sentido do meio técnico científico informacional (Santos, 1996), que ao mesmo tempo que permite que um acontecimento seja visto no mesmo instante por todos os cantos do globo, o mesmo acontece com uma pixação.

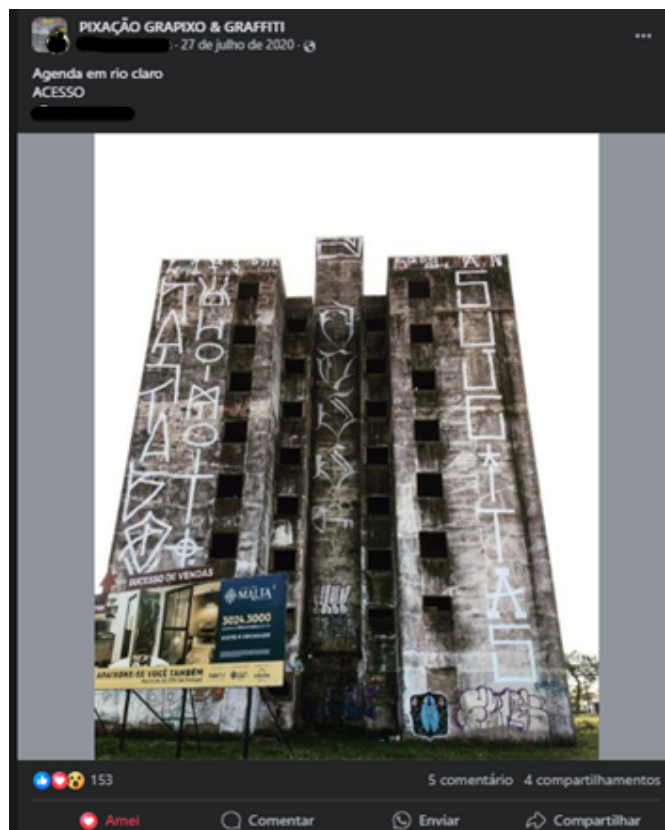
Figura 25- Postagem de pixador de Pernambuco no grupo de *Facebook* “Pixadores de todo o Brasil”, homenageando todos os pixadores de cada estado do país.



Fonte: Captura de tela do autor em grupo de *Facebook* “Pixadores de todo o Brasil”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130399094889620>

Legenda: A imagem é uma captura de tela do grupo de *Facebook* “Pixadores de todo o Brasil”. Na postagem, o pixador posta uma foto de uma espécie de mapa, com todos os estados do país. Nas laterais está escrito “xarpi 2021 Recife”, e abaixo “todo brasil”. Na descrição da imagem está: “Aí pixadores do Brasil acha aí teu estado em homenagem a todo Brasil que Deus nos proteja sempre nessa caminhada tmjs (Estamos juntos) pixa Brasil PR PB PA MG MS MT MA GO ES CE BA AM AP AL AC PE PI RJ RN RS RO RR SC SE TO DF por um Brasil alegre Colorido é nois!”

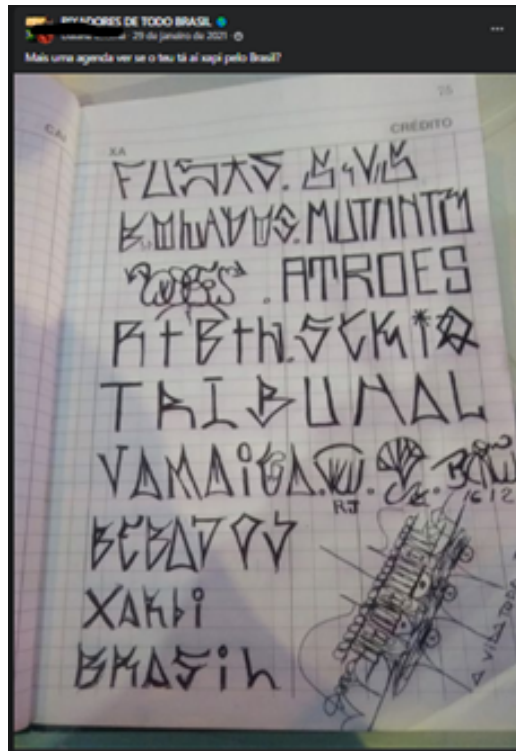
Figura 26- Postagem de pixador em grupo de *Facebook* “Pixação Grapixo & Graffiti” de seu pixo em uma agenda em prédio



Fonte: Grupo de *Facebook* “Pixação Grapixo & Graffiti”. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/groups/1412344555691556> Nome e foto borradas pelo autor para preservação de imagem.(2024)

Legenda: A imagem é uma captura de tela do grupo de *Facebook* “Pixação Grapixo & Graffiti”, e mostra um prédio abandonado com uma agenda de pixos feitos na vertical, cobrindo todo o edifício. Na descrição, o pixador comenta “Agenda em Rio Claro ACESSO”.

Figura 27- Postagem de pixador de Pernambuco com “preza” para pixadores de outros estados, no grupo de *Facebook* “Pixadores de todo Brasil”.



Fonte: Grupo de *Facebook* “Pixadores de todo Brasil”, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130399094889620>. Nome e foto borradas pelo autor para preservação de imagem. (2024)

Legenda: Postagem em grupo de *Facebook* com a descrição: “Mais uma agenda ver se o teu tá aí xarpi pelo Brasil?”. Na imagem vemos pixações desenhadas pelo autor em uma folha, com marcas de diferentes estados do país, como de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

As três imagens são grandes ilustrações da multiterritorialidade que a internet traz na pixação. A primeira chama atenção o desenho cartográfico que remete a um caminho linear, como um trajeto, o que dialoga fortemente com a própria dinâmica do movimento de fluxo entre os territórios. A segunda imagem se destaca para o fato de o pixador ser do município de Presidente Prudente e ter feito a pixação em Rio Claro, para seu pixo estar em conjunto a pixadores da RMSP. O fluxo de territórios é postado no grupo de *Facebook* para que o feito seja visto por pixadores de outras regiões do estado e até mesmo do país. Na terceira vemos o exemplo de uma “preza”, quando um pixador pixa a marca de outro como forma de respeito e admiração, onde na imagem um pixador de Pernambuco desenhcou os pixos que ele

admira de outros estados, onde essas referências só foram possíveis pelo grupo de *Facebook*, que permitiu a esses pixadores verem os “rolês” uns dos outros.

O risco também é transformado pelas relações com a internet, principalmente na questão das tecnologias e suas redes de informações. ADZ do pixo MESTRES afirma que a ascensão da internet trouxe também as câmeras de vigilância como um empecilho aos praticantes. Além disso, os pixadores nas redes sociais criam seus perfis com os nomes de suas marcas e muitos não ocultam seu rosto, o que permite que autoridades ou cidadãos contrários ao movimento identifiquem as marcas e o indivíduo que as fez, levando a maiores “perreios”.

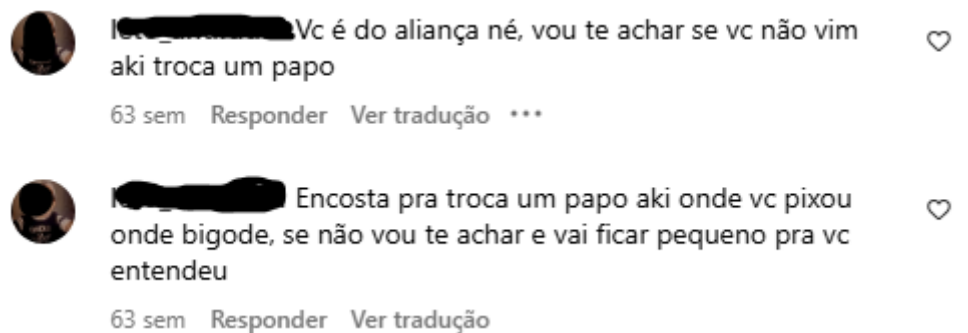
Figura 28 - Postagem em Grupo de *Facebook* do pixador ERICK REAIS sobre denúncia de morador na mesma rede social, evidenciando um conflito por território também na periferia.



Fonte: Captura de tela do pixador ERICK REAIS no grupo “Pixadores de todo o Brasil”, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130399094889620>.(2024)

Legenda: Postagem de pixador ERICK REAIS compartilhando outra publicação na rede com o comentário: “O Zé Povin logo me explanou no *Facebook* meteu o loko mais tá ligado as atividades não para”. Na postagem que ele republicou esta escrito: ‘Pincharam aí em cada se alguém souber de quem é esse pinche ou esse tal de Erik da um salve aí minha sogra falou que ele saiu correndo com a escada na mão sentido os predinhu do vitapolis... qualquer coisa me chama no privado só agradece” e abaixo uma foto de uma casa de tijolos vermelhos, sem reboco, e pixado de preto com as marcas “REAIS” e “BRISADOS”.

Figura 29 - Comentários de morador revoltado com pixações no *Instagram* do pixador BRN LOCURAS.



Fonte: Captura de tela do autor na página de *Instagram* do pixador LOCURAS BRN, disponível em: [https://www.instagram.com/p/Cw06MLXRg4d/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cw06MLXRg4d/?img_index=1). Nome e foto borradas pelo autor para preservação de imagem.(2024)

Legenda: Comentários feitos na publicação do pixador BRN com os dizeres: “Vc (você) é do aliança né, vou te achar se vc não vim aki troca um papo; [...] Encosta pra trocar um papo aki onde vc (você) onde bigode, se não vou te achar e vai ficar pequeno pra vc entendeu”

Retomando a questão da apropriação, a pixação na internet possibilita também um movimento contrário a esse, onde o pixador passa a ser valorizado e reconhecido como artista, podendo até mesmo atuar enquanto para exposições, marcas de roupa e publicidades. Nesse sentido, BRN do LOCURAS possui uma ampla bagagem, responsável pelo selo Pixação, com filmagens do movimento e tendo já feito exposições em diversos países, como na Itália, em Milão, na Collab com Pedro Franco<sup>14</sup> (Figura 30), na publicidade da série da Netflix “3%”<sup>15</sup> e em um comercial de tênis da marca Puma com a ASOS<sup>16</sup>, o que permite ao pixador afirmar que “Tem caminhos hoje do pixador ser protagonista.” Em relação a collab com Pedro Franco, BRN comenta que o designer procurava o pixador que ainda preserva suas raízes, algo que a internet maquia, fazendo alusão à reflexão feita no início do capítulo sobre a legitimidade que a internet pode dar a um pixador.

<sup>14</sup> Mais imagens disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=XdEku54wBGg>

<sup>15</sup> Disponível na página de Instagram do Pixador BRN LOCURAS:

<https://www.instagram.com/p/BNzwlq2BTb6/>

<sup>16</sup> Comercial disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyYla78dZjs>

Figura 30 - Exposição do pixador BRN em collab com o designer Pedro Franco.



Fonte: Captura de tela de página de *Instagram* do pixador BRN LOCURAS, disponível em:

[https://www.instagram.com/p/Cw06MLXRq4d/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cw06MLXRq4d/?img_index=1)

Legenda: Postagem de *Instagram* com uma foto do artista BRN, um homem negro de cabelo crespo. Ao seu fundo e no chão está sua arte, com letras de pixação em cor preta e de forma espalhada em um fundo claro.

Como foi citado, o caminho para os pixadores quebrarem a apropriação que as grandes empresas fazem das pixações é eles mesmos serem protagonistas e criarem as suas marcas, inspiradas em suas pixações. BRN reflete sobre a situação, pois esbarra no próprio caráter dos pixos, que em grande parte são coletivos, o que pode levar a conflitos se um indivíduo buscar lucrar com a marca e o restante dos integrantes não. Nesse sentido, BRN separa o que ele chama de pixo-marca do pixo-pixação, que também presume uma separação entre o que ele chama de pixador-empresário do pixador-rua, e defende ser necessário a abordagem diferente, pois a lógica não é a mesma, o que dialoga com a noção de valor para a teoria marxista, sendo o pixo-marca analisado apenas pelo valor de troca, e o pixo-pixação pelo valor de uso (Marx, 2013), o que pode ser conflitativo, pois também reflete uma questão de individual em relação ao coletivo, mas que também permite um protagonismo do pixador na comercialização e divulgação.

Ser protagonista e representar sua “quebrada”, sua gente, seu território, principalmente em espaços considerados elitizados ou pelo menos de difícil alcance

para os sujeitos periféricos é extremamente importante e marcante, algo que BRN reflete: “Como assim o neguinho de cabelo crespo tá lá representando o bagulho em Milão? Minha mãe nunca foi ao cinema, quando foi, foi para me ver”. As reflexões demonstram como foi pela pixação e a multiterritorialidade da internet o que permitiu uma ascensão, um protagonismo em seus caminhos, permitindo chegar em locais que antes nunca tinha ido. Ainda assim, BRN deseja que sua arte seja mais valorizada, ao ponto de “poder viver de seu sonho e parar de se vender para patrão”.

## 8 CONCLUSÃO

Mediante aquilo que foi exposto, debatido e refletido, traremos aqui algumas conclusões pertinentes aos sentidos da pixação na região metropolitana de São Paulo. As populações periféricas somam uma série de processos de desterritorialização, que formam seus diferentes sujeitos a partir desses históricos. Porém, com as leituras de Haesbaert ficou evidente que se essas massas foram desterritorializadas, elas também se reterritorializaram, o que se exemplifica pelos processos de afirmação do sujeito periférico a partir deles mesmos, pela consciência da negritude, e pela formação de movimentos culturais que reivindicam uma participação ativa na sociedade, com o Hip Hop.

Essa reterritorialização ultrapassa os limites de seus bairros pobres, e parte para exigir o direito à cidade como um todo, principalmente as áreas centrais, que anteriormente já foi local de habitação dessas populações, que foram expulsas posteriormente para dar espaço aos ideais europeus da maior cidade da América Latina, e que atualmente passa por um processo de abandono de sentidos, onde muitos dos antigos prédios que marcaram a “moderna São Paulo” hoje são abandonados e se tornaram ocupações por moradias de movimentos sociais.

A população das periferias reage ao abandono de infraestruturas e espaços de lazer e cultura em seus bairros, ao mesmo tempo que reflete a contradição de um centro da cidade que apresenta o inverso, mas mesmo assim mostra um abandono de sentidos, de ocupações e usos. Essa reação se reflete pela territorialização das periferias nesses espaços centrais, a partir da chamada “cultura de rua”, com o hip hop, as batalhas de rap, e a pixação, construindo lugares pelos seus pontos de encontro, os “points”, e na própria paisagem também, disputando os aspectos simbólicos-culturais, as simbologias da cidade.

Os pixadores reivindicam a sua memória, não separada da cidade, mas marcada e cristalizada na própria, e organizam seus próprios sistemas e dinâmicas para que suas histórias também façam parte da história de São Paulo, com os governantes querendo ou não. A metrópole e seus fluxos de capitais jogam as existências, principalmente das pessoas das periferias, numa efemeridade, numa invisibilidade, escanteados em bairros pobres, e reagem buscando existir de forma radical, expondo suas existências, ao mesmo tempo que expõe cotidianos segregados e violentos.

A violência que aflige as "quebradas" torna o próprio dia a dia cheio de riscos, e entendem sua superação a partir das pixações em arriscados lugares da cidade, pela escalada em grandes edifícios, pixações em pontes e monumentos. Os sujeitos, pelas suas localidades e fenótipos já sofrem com a violência policial, o que os torna preparados para enfrentar demais "perreios" que as pixações podem acarretar.

Essas territorializações só são possíveis pelas conexões que os pixadores fazem entre todos os bairros periféricos da região metropolitana de São Paulo, algo que está na base das dinâmicas do movimento, que necessita da ligação entre os territórios das "quebrada" para se fortalecer e se reproduzir enquanto grupo. É a partir dessas redes de territórios, simbolizados pelas "grifes", que possibilita aos integrantes do movimento que eles possam conhecer outros pixadores, visitar e pixar em outros bairros, e criar seus próprios pontos de encontro no centro, seus lugares, demarcando seu território e reunindo diversos locais periféricos diferentes, que vão se organizar para realizar suas festas em suas próprias "quebradas".

Dentro dessas lógicas, existe uma fundamental norma de comportamento, baseado nos princípios da humildade, a lealdade e o proceder, que permeiam já diversos movimentos das periferias, como no Hip Hop ou torcidas organizadas. Essas formas de relação é o que permite um auto ajustamento do movimento, a fim de impedir que pixadores valorizem a si mesmo a custa de outros, que não ocorra quebra de acordos, e que o respeito seja fundamental no movimento, o que caso não ocorra, podem haver conflitos sérios.

A pixação acaba dialogando fortemente com a internet, servindo como base para suas dinâmicas. Muitas das relações que aconteciam exclusivamente em "points" ou festas de pixação passaram a acontecer na também nas redes sociais, como no *Whatsapp*, *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, o que aumentou as possibilidades do pixador registrar ele mesmo seus feitos, o que antes da internet era voltado às grandes mídias. Nas redes, os pixadores divulgam notícias do movimento, compartilham convites de festas, e postam seus pixos, utilizando também o ciberespaço para mostrar seus "rolês".

Esse último aspecto é o que pode ser encarado como negativo para alguns pixadores, pois quebra a lógica de visibilidade das ruas e contrapõe a lógica da visibilidade no ciberespaço, onde integrantes alegam que na atualidade iniciantes do movimento podem ganhar relevância por ter muitos "*likes*" em suas postagens mas

na rua ainda tem poucos “rolês”, quebrando uma das principais dinâmicas do movimento.

A internet possibilita também diminuir a distância entre o pixador e o dono do muro, pois muitos perfis de pixadores possuem o nome do pixo, alguma foto dele, e até mesmo a foto do rosto do autor da inscrição, podendo facilitar a localização e assim, ser prejudicado de forma jurídica. Mesmo que o atingido não encontre o perfil, ele poderá buscar entre os grupos de pixadores no *Facebook*, o que mostra que as redes sociais acabam quebrando a anonimidade dos pixadores.

O aspecto principal da pixação nas redes sociais é a possibilidade de multiterritorialização, com a internet mediando a conexão entre cidades, estados e até mesmo países, ligando os pelas pixações em cada local. As distâncias entre os territórios diminuem pelo ciberespaço, e fortalecem as dinâmicas de conexões, se dando principalmente através de grupos no *Facebook*, com cada pixador postando seus “rolês” em seus estados e vendo e interagindo com postagem de pixos em outros.

O pixo se territorializa também fora do país, chegando a Portugal, Alemanha, Japão, EUA, entre outros. Isso se dá pela movimentação de pixadores chegando nesses lugares para pixar e pela vontade dos grafiteiros locais em pesquisar sobre o movimento, encontrando documentários, curtas sobre pixos, e reportagens, o que os incentiva a continuar as dinâmicas em seus próprios países, mostrando um duplo caráter para a reprodução do movimento fora de seu local de origem. Tal processo só é possível com algum pixador pioneiro chegando deixando seus pixos nesses espaços e com o acesso dos locais ao ciberespaço, o que relaciona com o acesso desigual que cada país pode ter ao meio técnico-científico-informacional, nos levando à conclusão que são os países mais integrados a globalização que foram territorializados pelo movimento.

Por fim, a pixação nos multiterritórios facilita a apropriação pelas grandes marcas, que percebem a potência do movimento pela sua conexão entre diversos territórios, sua representatividade da “quebrada”, somado com a legitimidade superficial que a internet pode trazer a pessoas que querem ser do movimento. Entretanto, ao mesmo tempo que possibilita isso, contraditoriamente permite também ao pixador ser ele o protagonista, que ele possa fazer suas marcas inspiradas em seus pixos e se aproveitar das dinâmicas do ciberespaço para garantir sua ascensão. A internet possibilita que o pixador saia do caráter a que foi

relegado, de “vândalo que suja a cidade”, para uma referência mundial na arte de rua, popular, permitindo chegar a outros países para expor suas artes e suas vivências. Sair de uma referência local, do seu bairro, para mundial, representando também sua "quebrada", mas também sua cidade, estado, e país.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Igor. **Pixação em São Paulo: Território e relações de poder na metrópole**. Ponta Grossa. Editora Monstro dos Mares. 2022.

ALTAMIRANO, Micaela. **A pixação na paisagem de São Paulo: o risco como construção do sentido da vida urbana**. Tese de mestrado. PUC-SP. 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Formas simbólicas e espaço: algumas considerações**. GEOgraphia, v. 9, n. 17, 2007.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Novos estudos CEBRAP, v. 39, p. 19-36, 2020.

DE OLIVEIRA, Denílson Araújo. **Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do hip hop no Rio de Janeiro**. Revista de Geografia-PPGEO-UFJF, v. 2, n. 1, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 29, n. 1, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. GEOgraphia, v. 4, n. 7, p. 97-98, 21 set. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Os circuitos dos jovens urbanos**. Tempo social, v. 17, p. 173-205, 2005.

MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L.L. (Orgs.). Na metrópole. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000.

MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, A. A. (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176 – 185.

NASCIMENTO, Luiz Henrique Pereira. **Pixação: A arte em cima do muro**. Cachoeira do Sul. Editora Monstro dos Mares. 2015.

RIOS NETO, Eduardo; RIANI, Juliana de Lucena Ruas. **Desigualdades raciais nas condições habitacionais da população urbana**. In: SANTOS, Renato Emerson

dos (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007, p. 91-112

TURRA NETO, Nécio. **Espaço e lugar no debate sobre território** / Space and place in the debate on Territory. *Geograficidade*, v. 5, n. 1, p. 52-59, 9 fev. 2015

TURRA NETO, Nécio. **Punk e hip hop na cidade.** *Revista Cidades*, v. 6, n. 9, p. 121-154, 2009.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo.** Lua Nova: *Revista de Cultura e Política*, p. 143-162, 2010.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo.** *Revista de antropologia*, p. 81-110, 2013.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo.** 2005.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Visibilidade e escrita de si nos riscos do pixo paulistano.** 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Notas sobre o Conceito de Marginalidade Social**, in Pereira, Luiz (org.). *Populações "Marginais"*. São Paulo, Duas Cidades, 1978, p. 43.

RATTS, A. **A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a geografia.** *Boletim Paulista de Geografia*, [S. l.], v. 1, n. 104, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/2134>. Acesso em: 30 out. 2024.

ROLNIK, R. **Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política.** São Paulo : Três Estrelas , 2017.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro.** In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil.* Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007, p. 75-90

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

VAZ, Sérgio. **Flores de alvenaria.** 1ª Edição, Global Editora, São Paulo: 2016.

## APÊNDICE

### Entrevistas

A ideia aqui é entender a pixação a partir do conceito geográfico de território, como algo demarcado pelas relações de poder, mas que pode também ser recriado a partir de resistências, mudando o sentido a partir de nossas vivências e atuações. Nós da periferia sofremos com vários processos de desterritorialização para chegarmos nas "quebradas", seja nossos familiares saindo de outras regiões do país ou sendo expulso do centro.

Pelo cotidiano de nossas vidas passamos também por desterritorializações para nos relacionar com o centro da cidade, um território diferente do periférico, um território excludente. Importante pontuar que nossa concepção de território periférico é no sentido de todas as "quebradas", zonas periféricas e cidades partes da metrópole no geral, tudo aquilo que contrapõe ao território central elitizado mas que se relaciona com ele. Sendo assim, com a pixação mas também outros movimentos culturais, a gente recria um novo território no centro, com mais a nossa cara e nossos gostos, ainda mais de forma simbólica-cultural como é o pixo, criando nossos próprios lugares, no caso os "points" centrais de pixação.

Esse território, nosso, é o que a gente pode chamar de "centro sujo", e fortalecemos nosso grupo a partir dessa apropriação. Nossa identidade como grupo passa pelos termos "quebrada", "zona", e "DDD" (quando a pessoa é de outra cidade), isso é o que podemos chamar de territorialidades, é a partir daí que identificamos outros sujeitos que também constroem esse território, onde se a pessoa é da mesma "quebrada" então já é a mesma fita, se a pessoa é da mesma zona ou então de uma zona da cidade bem "quebrada" a gente se identifica, ou então se a pessoa é de outro DDD, de uma cidade bem "quebrada" e forte no movimento de rua a gente também já se reconhece.

Todas essas ideias são fortes na pixação e muitas vezes estão presentes no pixo (quando alguém de outra "quebrada" cola na sua e põe sua "quebrada" ou zona, ou o DDD se for de outra cidade). Sendo assim, a ideia é saber um pouco como os próprios pixadores refletem sobre essas ideias, entendendo que cada

pixador possui uma diversidade de motivações para pixar, e que a história e vivência do pixador, mesmo sendo a mesma fita, tem cada um diferentes pontos de vista.

Nesse sentido, quero saber o que vocês pensam sobre “centro sujo”, da onde vem essa idéia e o que significa para cada um de vocês; e sobre os termos “quebrada”, “zona” e “DDD”, quero saber por que é importante essas idéias para criar identidades, confluências entre "quebrada"s, união entre as periferias; o porquê de levar o “nome da "quebrada"”, zona ou DDD tem tanta importância.